



**FÁTIMA MARIA DA
COSTA BARBOSA
VAZ DE MATOS**

ANTÓNIO NOBRE – CENOGRAFIAS AUTORIAIS



**FÁTIMA MARIA DA
COSTA BARBOSA
VAZ DE MATOS**

ANTÓNIO NOBRE – CENOGRAFIAS AUTORIAIS

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Hermínia Deulonder Correia Amado Laurel, Professora Catedrática do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha mãe e filhos, especialmente à Marta por nunca me ter deixado vacilar um segundo que fosse na concretização do maior projeto académico da minha vida.

o júri

presidente

Prof. Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria de Jesus Quintas Reis Cabral
professora auxiliar convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (arguente)

Prof. Doutora Maria Hermínia Deulonder Correia Amado Laurel
professora catedrática da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Ao meu marido, Fernando Matos, suporte incondicional da minha vida, o meu amor.

Às professoras Doutoras Maria Hermínia Amado Laurel e Maria de Jesus Reis Cabral, pelos seus doutos ensinamento, pela sua disponibilidade, pelas suas palavras de alento nos momentos difíceis e pela sua amizade.

Ao Dr. Pinto Santos e Dr. António Cabeço por me terem acompanhado, com profissionalismo e amizade, o meu estado clínico.

A Deus, por me devolver saúde e por estar sempre presente.
À Jacinta e Francisco Marto por me servirem de inspiração.

palavras-chave

biografia, cenografias autorais, crítica literária, António Nobre, Anto, Paris

resumo

Pretendemos seguir a história correlacionada da biografia do escritor e da crítica biográfica. Faremos um trajeto breve pela história da crítica biográfica e vamos deter-nos na biografia do poeta António Nobre a fim de dar início a uma segunda fase que consistirá de acordo com os pressupostos beuvianos no seguinte:

Serei « un biographe en second » , depois de tantos estudos sobre o poeta António Nobre feitos, elaborados, concretizados por escritores de talento pode parecer inútil a minha tarefa, por isso é preciso fazê-lo de modo diferente: torná-la viva: entrar no âmago do homem sem fazer desfilar toda a sua vida. Vamos partilhar como se no Facebook estivesse as palavras de Sainte-Beuve: « Être assez vif pour faire ressortir une silhouette, en indiquant certaines failles, certains réseaux, sans entrer en détails. Marquer le caractère sans se laisser piéger par le menu des anedoctes, ni engluer par le continuum de la vie

keywords

biography, cenographies, literary review, António Nobre, Anto, Paris

abstract

We intend to follow the correlated history of the author's biography and his biographical reviews. We will undertake a short journey through the history of his biographical reviews and will afterwards deter ourselves in António Nobre's poetry so that we may initiate a second period, which will follow according to the beauvien principles:

I shall be a "ghost biographer"; after so many studies on António Nobre, attempted and accomplished by so many distinguished authors, my task may seem useless. I shall then have to succeed in a different way: make it live, get inside the core of a man without having to parade his life. Lets' share, as if we were on Facebook, Saint-Beuve's words : "Be bright enough to make out a silhouette, indicating some flaws, some liaisons, without going into objective details. Mark the character without being trapped by the list of anedoctes or fouling the continuum of life."

ÍNDICE

1. Introdução teórico-metodológica	3
1.1 O objeto de estudo	5
1.2 Metodologia de trabalho	7
1.3. Motivos	9
2. Introdução ao estudo do género biográfico: proposta de José- Luis Diaz	11
2.1.Binómio Homem/Obra; Vida/Obra	17
3. As biografias de António Nobre: revisão da matéria.	23
3.1.Só, O livro mais triste que há em Portugal? Fingimento ou um gemido?	27
4. Biografia de António Nobre	37
1º Capítulo - Lá na praia da Boa - Nova	39
2º Capítulo - Anto	53
3º Capítulo - Paris	59
4º Capítulo - Ocaso	65
5. Anexo – Razão de ser de uma biografia : o testemunho de uma escritora	75
6. Conclusão	89
7. Bibliografia	93
8. Foto	97

1. INTRODUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 O OBJETO DE ESTUDO

Nesta dissertação propomo-nos tratar de dois aspetos distintos: a história da crítica literária (de um modo breve e não extenso) e realizar uma biografia do poeta António Nobre, que contenha os dados essenciais e possa ser aproveitado por um aluno do terceiro ciclo para completar os seus conhecimentos da aula.

Duas realidades que não estão muito distantes pois ao ler as biografias anteriores do poeta não posso deixar de o fazer com um olhar crítico acompanhada pelas leitura de Antoine Compagnon, Vicent Colonna e José-Luis Diaz.

Diferenças que em certas circunstâncias se podem tornar semelhanças, mesmo que transcorram tantos anos.

A nossa análise literária procura enquadrar o binómio Vida e Obra; Homem / Obra à luz das perspetivas atuais.

O estudo deste autor menos abordado despoletou-nos a curiosidade pois convivemos no seu espaço de infância. Parece-nos possível perceber, através da memória individual e coletiva, as convulsões de um final de século dividido entre o progresso da modernidade e o apego à ruralidade. Todos esses aspetos que marcam indelevelmente a poesia de SÓ e que são traduzidos poeticamente na obra do poeta.

Enquanto esses momentos são narrados podemos perceber o quanto o poeta oscila ente as emoções da infância e as outras que o tornam não raras vezes infeliz e angustiado com o que a vida lhe reservou.

1.2 METODOLOGIA DO TRABALHO

A primeira fase consistiu na recolha do corpus. Seleccionámos referências bibliográficas importantes e optámos por recolher os dados em fichas bibliográficas. Portanto começamos pelo óbvio.

Seguidamente, a partir deste plano orientamos a nossa escolha e seleccionámos as nossas leituras. Começamos por resumir e depois por dar início à dissertação propriamente dita, comparando o binómio vida / obra; Homem/obra à luz das teorias modernas.

Lemos todas as biografias relevantes do poeta António Nobre e reescrevemos a sua história de vida, dividindo-a em quatro fases :« Lá na Praia da Boa-Nova» (recordamos a infância e parte da juventude) «Anto» onde recordámos a sua passagem por Coimbra; «Paris» e finalmente «Ocaso» os seus últimos anos de vida.

Não damos por finda a nossa tarefa, havia muito mais a realizar, sobretudo se pensarmos numa edição escolar de acordo com o curriculum do oitavo ano de Português. Mas foi o possível, com muita dedicação e empenho.

1.3 MOTIVOS

Precisava de um livro assim. Uma biografia que me fizesse recordar a minha própria infância, os meus verões na praia de Leça da Palmeira, na praia dos Beijinhos, naquelas praias de areia branca muito rochosas, a apanhar camarões minúsculos, com redes artesanais e baldinhos de cores vivas com desenhos brancos em relevo. Estas memórias assumem um papel de destaque, assumem uma real proximidade passado tantos anos. Não vai ser uma tarefa fácil, mas numa primeira fase penso contar com a colaboração das preciosas palavras de Sainte-Beuve, que refere a expressão: Serei «un biographe en second. Être assez vif pour faire ressortir une silhouette, et indiquant certaines failles, certains réseaux, sans entrer en détails. Marquer le caractère sans se laisser piéger par le menu des anecdotes, ni engluer par le continuum de la vie».

Depois de tantos estudos sobre o poeta António Nobre feitos, elaborados, concretizados, por escritores de talento pode parecer inútil a minha tarefa, por isso é preciso fazê-lo de modo diferente: torná-la viva: «entrar no âmago do homem sem fazer desfilarmos toda a sua vida. Vou partilhar como se no Facebook estivessem as palavras de Saint-Beuve. Tentar um intercâmbio artístico e tentar que no final se torne um ativo cultural.

A narrativa dos factos é feita de forma linear e está dividida em quatro capítulos, cada um correspondendo a uma fase da vida do poeta António Nobre: a sua infância/ adolescência; a ida para Coimbra estudar a fim de possuir um curso; a ida para Paris; a doença e o final da vida; demos um título a cada uma das quatro partes, respetivamente: «Lá na praia da Boa. Nova»; «Anto»; «Paris» e, finalmente, «Ocaso». Tem vantagens esta divisão, já que não limita, nem impede a imaginação de evoluir, mas dá uma ajuda a um público mais jovem da compreensão cronológica dos factos. A narrativa apresenta-se tão linear, que não é passível de confusões. Não deixa de ser uma biografia séria, literária que não

desvenda, mas não ignora os segredos do biografado. Traça um retrato de um homem.

É tempo para retomar a lógica inicial da recriação de um espaço de memória do poeta António Nobre, com uma visão atual da crítica biografista. Diz-se que uma vida não examinada não merece ser vivida. A vida de um grande poeta é a sua obra, é ela que nos deve interessar?

**2. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO GÉNERO BIOGRÁFICO:
PROPOSTA DE JOSÉ - LUIS DIAZ**

INTRODUÇÃO

“Desde Sainte-Beuve que a crítica literária concedeu particular relevo às incidências (e coincidências) entre o homem e a obra; se Sainte-Beuve esteve atento a estes episódios, a crítica biografista acrescentou a esta postura preocupações de índole histórico-cronológica, com G. Lanson, a tal ponto que Antoine Compagnon criou um neologismo para consagrar esta atitude: o substantivo *vieoeuvre*.

Com o advento do estruturalismo, que elege como objeto de estudo o texto, e não o autor, assistimos a uma rotação no sentido da desvalorização da autoridade autorial para o texto. Este passa a ser encarado como princípio e fim de si mesmo. Nada mais existe, antes nem depois do texto. Assim se compreende que estudiosos como Roland Barthes, em «*A Morte do Autor*» ou até a questão da morte do autor em Foucault tenham proclamado provocatoriamente, «a morte do autor» por finais dos anos 1960.

Hoje a crítica está numa posição mais equilibrada, menos radical, embora se considere que nenhuma obra é a projeção da vida do autor, mas sim que pode ser ficcionalizada, tal como o real é ficcionalizado, passando a ser dito segundo os códigos da linguagem literária, tal como uma pintura ficcionaliza o real utilizando os códigos próprios dessa arte (luz, perspectiva e cor).

No entanto, a sedução sobre o binómio vida e obra volta a interessar críticos como José-Luís Diaz, Vincent Colonna, Antoine Compagnon, entre outros, a partir dos anos 1980, os quais aduzem novas propostas de estudo sobre a biografia, apontando novos caminhos para a história literária antes da atualidade.

Tendo em consideração os estudos existentes sobre a biografia de António Nobre, pretendemos à luz de novas propostas de análise, visitar a vida e a obra deste autor, talvez indevidamente menos trabalhado nos nossos dias.

Para tal, propomo-nos desenvolver o nosso estudo segundo algumas propostas

metodológicas, que passamos a expor:

Metodologia:

1.Introdução ao estudo do género biográfico :propostas de José- Luis Diaz;

1.1.Binómio Homem/Obra; Vida/Obra;

2. As biografias de António Nobre: revisão da matéria.

2.1. Só, O livro mais triste que há em Portugal? Fingimento ou um gemido?

3. Biografia de António Nobre;

Anexo: Razão de ser de uma biografia: o testemunho de uma escritora.

Ponto1

José - Luis Diaz, na obra *L’homme et l’oeuvre* estuda as perspetivas críticas prevalecentes sobre a questão biográfica no período compreendido entre o princípio do século XVIII e o fim do século XIX, momento em que o «paradigma biográfico» (DIAZ:2011:6) se impõe. Diaz propõe-se então desenvolver uma «história» detalhada da biografia do escritor e da crítica biográfica e estudar as relações estreitas que se estabelecem entre a vida e a obra de um autor, ao sabor das mudanças sofridas pela própria conceção de literatura que, como sabemos, está sujeita à história. Assim, as biografias serão mais ou menos valorizadas «que l’ Homme sous l’auteur» (DIAZ: 2011: 7) ou seja, dependendo da valorização que a História concede ao homem de letras.

A menção da palavra biografia aparece tardiamente, só no século XIX se torna de uso corrente, embora já existissem diversas formas da mesma: relatos de vidas, memórias e elogios.

Diaz vai então fazer uma viagem que se inicia na idade clássica, idade do «moi haïssable» (DIAZ: 2011:7), até à época de Voltaire, que preconizava «La vie d’un écrivain sédentaire est dans ses écrits» (1751).

Posteriormente, surge a curiosidade biográfica levada ao exagero, com momentos de ridículo e, finalmente, a idade pré-romântica marcada por um interesse crescente pela vida pessoal do homem de letras: data de então a ideia de que a vida do homem de génio é a sua «véritable oeuvre» (DIAZ:2011:7). É

citada, como reação a este contexto, a célebre citação de Buffon segundo o qual «le style c'est l'homme», pois se o estilo é o que o homem escreve, não é necessário andar a partilhar a sua vida. (DIAZ:2011:117). Já a idade romântica revela o seu pendor pelo íntimo com notável produção de *correspondências* e de *memórias*, com Sainte-Beuve e a crítica biográfica por ele fundada.

2.1 BINÓMIO HOMEM/OBRA; VIDA/OBRA

Os conceitos supracitados foram variando ao longo deste período de tempo estudado por José-Luis Diaz.

Neste ponto 1.1. transcrevo uma citação que nos parece bastante esclarecedora do nosso ponto de vista:

«Dans un tout autre univers, Dinah Ribard retrouve cette nécessité de conformité entre la vie et l'œuvre. Elle oppose très justement l'usage de la biographie depuis le XIX siècle, qui consiste à vouloir expliquer l'œuvre par la vie, et l'usage ancien, encore en activité dans les vies de philosophes de l'époque moderne, chez qui la vie apparaît comme ce qui a produit l' œuvre ou la doctrine, qu'il ne s'agit pas d'expliquer, mais de classer» (Diaz :2011 :61).

Apresentaremos, ainda, uma breve resenha cronológica apoiada na contribuição de José-Luis Diaz e da sua obra *L'homme et l'oeuvre*.

O gosto pela biografia é precedido pela difusão de hagiografias. Apenas no Renascimento o género biográfico floresce, tendo como modelo as biografias gregas e latinas. Os heróis deixam de ser os santos e passam a ser homens de letras e, de um «modo mais raro artistas» (Diaz: 2011: 10).

A vida destes homens que se distinguem pelo seu génio passa a servir de exemplo e constitui uma forma de guardar na memória dos vindouros as suas tribulações e êxitos. Não deixa de ser uma «pédagogie de *l'exemplum* et de la *memoria*» (DIAZ.2011:11).

Posteriormente, ao longo do século XVII, houve um retrocesso e as regras mudaram, o biógrafo estava impedido de se alargar em considerações sobre o biografado, para além de um número restrito de juízos. Ao próprio escritor não convinha falar de si, pois seria considerado, provavelmente, um exagero do amor-próprio.

Surge então um novo espírito que terá continuidade na primeira metade do século XVIII e que propõe uma nova atenção ao escritor, portanto um novo interesse pela vida do biografado, que no entanto, não terá continuidade, dado

que, os primeiros filósofos «pour des raisons philosophiques sont hostiles à la biographie» (DIAZ:2011:18). Em suma, receiam que o poder da velha escola da filosofia escolástica, em que o mestre era detentor do poder, seja um risco que se corre, se o autor possuir demasiado poder em detrimento da sua obra.

As apreciações desfavoráveis surgem de partes diversas, Voltaire, com o seu pendor clássico, Fénelon que receia que o homem suplante o autor e ainda neste campo da rejeição da biografia todos os filósofos da primeira metade do século. Esta rejeição conduz à suspeição inclusive do autor, e, da sua vida. Só na segunda metade do século o homem de letras voltará a ser admirado.

Como reconhecerá José-Luis Diaz, os pormenores da vida privada, ganham terreno em detrimento do elogio, a partir da segunda metade do século XVIII. Tudo interessa, e chega-se a um ponto em que os pormenores frívolos ocupam lugar de destaque, até o estudo da fisionomia se torna importante, passa a ser moda oferecer o retrato dos grandes escritores: «L'écriture du grande homme, ses manuscrits deviennent aussi des objets de culte». (Diaz.2011:88)

Completo-se deste modo o elogio do autor com uma evocação mais íntima, uma pesquisa da vida privada. De um lado, o texto panegírico, de outro, o biográfico. Interessava sobretudo o homem e a sua vida privada, os seus hábitos, os seus costumes, o seu quotidiano. (Diaz.2011:77)

Com esta tendência rigorosa, o interesse pelos detalhes da vida privada ultrapassa o âmbito da coscuvilhice, da anedota quotidiana, e «conquista a sua legitimidade». (Diaz.2011:85) A curiosidade biográfica torna-se uma paixão fetichista. Há o desejo de conhecer o escritor na sua vida privada e na sua alma, ou seja, «tê-lo por amigo» é a nova curiosidade biográfica. Cada um quer modificar o autor um pouco, dar-lhe conselhos, interrogá-lo, dar-lhe lições. Havia, porém, alguns biógrafos, como Bernardin de Saint-Pierre, que manifestavam preocupações em manter a sua independência em relação à veracidade de um documento autobiográfico, ao contrário daqueles que se propunham acreditar em tudo. Novas formas de biografar começam a interessar os estudiosos visando outros públicos. A biografia passa a ser fiel aos factos e foge do elogio porque não há maior elogio do que o relato verídico das frases e citações das obras de um grande homem de letras.

O homem de génio é aquele que o é plenamente na sua obra aquele que tem o poder de «attacher son âme à ses écrits» (Thomas:1767:14).O autor deve abandonar-se ao seu interior, ao âmago do espírito, é o seu idioma e isso não vai ter à orelha, à atenção do leitor, mas captar a sua alma.

J.L.Diaz refere que a relação entre o autor e a obra torna-se tão íntima, que a própria vida do autor transforma-se numa espécie de obra. Portanto, da mesma forma que trabalha na sua obra, o autor deve trabalhar na obra suprema que é a sua personalidade, ou seja, o centro do espaço literário, as suas obras devem refletir o fundo do seu coração, o mais íntimo dele.

«L’homme public dont on aimait apercevoir le petit ménage, l’écrivain idéal devient déjà un tout autre prototype humain : un être prométhéen, énergique, qui rêve de se créer lui-même une seconde fois. Mais aussi un être passionnel exilé dans son moi, molde de son génie, condamné par lui à des «irrégularités et des bizarreries» et donc aussi à des persécutions de la part du «vulgaire» et pourtant universellement admiré, et exerçant de manière despotique la «souveraineté du génie», souveraineté «qu’il ne doit qu’à lui-même». (Diaz.2011:97)

De um modo geral, reforça-se a ideia nova que o Homem acrescenta valor ao escritor, na verdade vale mais do que ele.

“D’où la molesse qu’ on met à rapeller que le héros de l’ œuvre de fiction est distinct de l’écrivain. Comme si on était convaincu du contraire... et comme si ce fût acte d’impiété que de trouver des différences entre Byron et Child-Harold!”

Nesta época heróica da biografia predomina a «suréminence de l’homme sur l’ oeuvre, du poète sur la poésie». (Diaz.2011:107)

O homem é mais importante do que a obra. Diaz, citando Lamartine considera “que nous aimons le mieux des grands écrivains, ce ne sont pas leurs ouvrages, c’est d’anéantir en eux le talent et de n’exprimer que le homme”. (Diaz.2011:103)

E então confirma-se o paradoxo da época romântica que coloca o homem no centro da obra e que dá à biografia uma importância enorme, mas que nunca conseguiu juntar de modo convincente estes dois dados. “O poema melhor corresponde ao poema da própria vida” sonha Lamartine.

O «segredo» do homem está escondido atrás da genialidade da sua obra. Lamartine diz, citado por Diaz “La vie et l’ œuvre se confondent”; “son œuvre est un poème, sa vie une poésie” (...) “on ne sait, quand on le lit, si c’est l’homme qui est le poème ou si c’est poème qui est l’homme” (Diaz :2011 :130) A solução seria que houvesse um equilíbrio estável, e não precário, entre a vida pública e a vida doméstica do autor e do homem”(DIAZ :2011 :133)

A biografia a ser feita seria a do despertar interior do autor e não dos acontecimentos quotidianos do homem. Eis que nada disto é tácito, a obra de José Luís Diaz, concebida como uma contribuição para a história da crítica biográfica, muda o paradigma. A biografia de um autor não é um elemento essencial para a explicação de uma obra porque uma obra é importante, quanto mais ela vive, mais se compromete autonomamente.

Estudar a alma do escritor a partir da sua poesia e ficção, exigir uma relação íntima entre o artista e o homem e não a obra conduz, segundo Diaz, a que a mesma passe a ser “o reflexo imediato da vida”, o que não é o mesmo que dizer que “o homem explica a obra”, como se consagrará algum tempo mais tarde.

Todos estes debates não alteram nada na natureza do debate. Afinal, José Luís Diaz afirma que o homem é uma coisa, e a obra é outra.

3.AS BIOGRAFIAS DE ANTÓNIO NOBRE: REVISÃO DA MATÉRIA

São vários os estudos existentes de natureza biográfica sobre António Nobre. Analisámos três obras de carácter biográfico, a saber: *António Nobre* de Guilherme de Castilho, *O Essencial sobre António Nobre*, de José Carlos Seabra Pereira e *António Nobre em Paris, Só, Correspondência*, de Carmino Marques. Vamos debruçar-nos sobre a história correlacionada da biografia do escritor e da crítica biográfica. Façamos este trajeto breve pela história da crítica biográfica e detenhamo-nos na biografia do poeta António Nobre a fim de dar início à sua análise.

Com efeito e numa perspetiva romântica que é aquela a partir da qual os biógrafos de António Nobre o contemplam, «le recours à la biographie est en effet pensé non seulement comme la recherche d'un savoir légitime, mais comme la quête de la vérité humaine, aiguillée par la lecture de l'œuvre. Até ao momento nada de invulgar, o que é diferente em António Nobre é que podemos ir buscar a sua biografia à sua obra pois a vida e obra são gémeas « C'est dans le caractère des artistes qu'il faut chercher le secret de leur génie» (Hogar:1832:t.IV.63). Em José-Luis Diaz o oposto é preferível, pois para este autor o homem tem um estatuto, o artista outro. São diversos.

**3.1 SÓ, O LIVRO MAIS TRISTE QUE HÁ EM PORTUGAL?
FINGIMENTO OU GEMIDO?**

Na biografia de António Nobre escrita por Guilherme de Castilho nota-se esta preocupação em explicar que o sentido último da sua obra reside na sua própria experiência pessoal, aliada às obras que leu, ao percurso que fez, que afinal não é o homem e a obra, mas a vida e a obra - a obra é o reflexo da vida.

*«O Só é fundamentalmente o livro da desilusão
Dolorida, da saudade irrevogável das coisas
E dos seres que haviam sido alimento de um
passado em que o poeta se tinha sentido ou julgado feliz.»*

Guilherme de Castilho

Se, como afirma Guilherme de Castilho na introdução à correspondência de António Nobre, «a biografia de um artista criador só interessa na medida em que nos ilumina a sua obra» (Castilho:1988:16), é desta que se impõe partirmos para naquela procurarmos as suas raízes, e assim o seu sentido. Deste modo, se poderá compreender que na história literária de Nobre, «é a de que o Só é a tradução de uma crise psicológica, a erupção veemente de um desequilíbrio gerado pela oposição irredutível entre o que, de uma maneira simplista poderemos chamar o mundo da realidade e o mundo do sonho (Castilho:1988:98) Na verdade, a realidade de Nobre parecia estar muito distante do seu mundo poético, onde o ideal e a proteção caminhavam de mãos dadas. Conduzido por um objetivo de amizade sincera, devotada a Alberto Oliveira, para toda a vida, que o tornava aos olhos dos outros uma pessoa diferente, excêntrica, dândi, o poeta preferiu desde muito cedo isolar-se. Longe do seu mundo mítico, sem Coimbra e em Paris, o poeta sentiu-se no exílio, desenraizado no anonimato da grande nova que lhe provocou uma grande angústia por entender estar destruído o castelo edificado do seu mundo sustentado em alicerces de ternura e atenção, quando a sua relação de amizade de pressupostos exigentes e elevados falhou.

António Nobre aos 15 anos já se revelara invulgar quando escreveu o seu primeiro poema e com o seu amigo o enterrou na gruta portuense de Camões, no Palácio de Cristal (*Sepulcruzito*).

Procurou Guilherme de Castilho mostrar que António Nobre era original na sua conduta, não era, apenas, mais um entre muitos outros. Raul Brandão tem plena consciência desta condição trágica: «Ser diferente dos outros é já uma desgraça ; ser superior aos outros é uma desgraça muito maior».

Para António Nobre o escritor é como um ser à parte e ao mesmo tempo miserável por causa da sua diferença irreduzível. Anto, em Coimbra, escreve: «O meu condado sim!/ Porque eu já fui um poderoso conde,/ naquela idade em que se é conde assim...» é o seu condado de sonho, onde se refugia dada a impossibilidade de ser como os outros; em Coimbra é no início o centro das atenções, acha a academia «curiosa e provinciana» a sua indumentária e maneiras e atitudes» excluem o «outro» e dão lugar «à des persécutions de la part du vulgaire»(Diaz.2011:97) motivadas pelo preconceito, pela raiva contra a diferença.

Como disse, ainda, J.L. Diaz, se o poeta tem uma vida que se reflete no que ele escreve aliado ao seu talento a vida do poeta é ela própria uma obra de arte (Diaz.2011:13).

Notamos nesta biografia de António Nobre a ausência de uma investigação mais aturada sobre a sua afetividade, embora Guilherme de Castilho refira que ele tinha uma impossibilidade temperamental de se dedicar, de se entregar ao amor, de abdicar dele próprio, pois estava integralmente ocupado numa mágica rede de devaneios: «amava-se demasiadamente a si próprio para lhe sobrar amor que pudesse partilhar com outrem». (Castilho:1988:34)

É de lamentar que os postais dirigidos a Alberto Oliveira - mais de uma centena -fossem dados a queimar por serem demasiado íntimos, na perspetiva deste último, em conversa com o irmão do poeta. (Castilho:1988: 10)

Portanto, a biografia elaborada por Guilherme de Castilho de António Nobre tem nítidos traços de biografia romântica com laivos nitidamente canónicos (Diaz: 2011:109), lugares comuns narrativos e alguma falta de originalidade. “En matière de sensibilité biographique, la période romantique s’est caractérisée par deux tendances distinctes: l’importance accordée à la personne mythique de l’auteur, et la tendance connexe propre à la critique biographique, à expliquer l’œuvre pour l’homme”.

Os traços de discurso autobiográfico que atravessam Só fortalecem a ideia de que a verosimilhança afere todo o encadeamento desta obra. Exemplo disso é a «Carta a Manuel» que constitui um texto onde esse traço está latente.

Carta a Manuel

Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
Mas não foi Anto, não fui eu quem teve a culpa,
Foi Coimbra. Foi esta paisagem triste, triste,
A cuja influência a minha alma não resiste.
Queres notícias ? Queres que os meus nervos falem ?
Vá dize aos choupos do Mondego que se calem
E pede ao vento que não uive e gema tanto :
[...]
À noite, quando estou aqui, na minha toca,
[...]
Que tédio o meu, Manuel ! Antes de vir, gostava.

Coimbra, 1888-1889-1890

Nessa carta, é possível perceber a emoção do ato de recordar, no momento em que o poeta escreve e reconstrói todos os acontecimentos passados. A vida reconstitui-se na obra.

Em António Nobre são essencialmente as emoções as quais ele deixa penetrar no seu âmago... Pelo contrário. Não há um homem e uma obra, mas a vida emocional, «o coração desfeito em tiras» é o manancial da matéria-prima da produção poética deste nosso autor. Para António Nobre vida e amor são filhos da dor:

«O Amor é doença, que tem por remédio

Um beijo, ou a Morte»

Os temas que dominam os seus assuntos epistolares: a dor, o queixume, a saudade, o desânimo, a agonia, a recusa de viver o presente (a cidade era um transtorno, um calvário) em «ambos os casos são recorrentes», pois refletem-se, refractando-se na sua poesia ; «a Dor que já me então assolava e que foi

porventura a origem desta eterna melancolia, que tenho a certeza durará até à minha morte» (Nobre; *Saudades*; Paris, 1894).

«Mas o tempo e a dor vieram, por castigo, mostrar-te que a Poesia é o coração desfeito em tiras»

Partindo desta afirmação, torna-se nítido que o poeta via a realidade a partir do que escrevia, e se deixava arrastar pelo fluxo contraditório de emoções que lhe atravessavam o espírito. Tudo lhe parecia negativo, sombrio, triste e inútil. A vida e a obra marcam indelévelmente o percurso deste homem .

- «Vocês – vão pensando da arte e da sua evolução, para somente penetrar em mim e de mim tirar o que tenho cá dentro, leva-te a considerar-me apenas como um talento nativo que só produz o que a Natureza lhe semeou e nada do que influências estranhas poderiam semear também».

António Nobre na sua perplexidade perante a atitude do seu melhor e mais querido amigo equaciona assim as duas vertentes deste trabalho vida e obra/ homem e obra.

Afinal, ao considerar que a Natureza lhe produz o talento e que o talento nasce com o indivíduo vai ao encontro da teoria defendida por Diderot «Désormais, les grands écrivains, les grands artistes sont des êtres «signés».

José Carlos Seabra Pereira diz que “são as dificuldades que o fazem sofrer” e por isso a sua reação é voltar ao engano pretérito, ao mundo da infância e da primeira juventude o que se reflete no seus temas. A sua vida exemplar o que a “factualidade biográfica só mais tarde veio ratificar”. Na obra *O essencial sobre António Nobre*, José Carlos Seabra Pereira refere “embora sempre tentado a deslizar para lugares comuns biografistas ou psicologistas, que o caso literário de António Nobre parece justificar (...)” e de facto mesmo a supracitada obra que não é uma biografia convencional nem na biografia de Guilherme de Castilho escapam à análise do tom e da morfologia da sua obra prima num contexto romântico referindo, por exemplo, que “Só”, a única coletânea de poemas publicada em vida de António Nobre é uma “confissão coloquial de um narcisismo pessimista”; “há um egotismo e uma partilha emocional, uma sentimentalidade cúmplice”.

António Nobre, fingimento?

De um modo totalmente distinto, Fernando Carmino Marques na sua obra *Antonio Nobre em Paris, Só, Correspondência*, considera que a *Correspondência* de Paris para além de constituir um documento pungente do epistolário nobriano é de natureza autoficcional «Lendo esta correspondência deduzimos que António Nobre gostava de manter um estado de crise, no qual se comprazia, para em seguida de si se apiedar. Em suma, António Nobre sujeito ficava comovido e impressionado por António Nobre objeto de observação, isto com o intuito óbvio de criar condições propícias à criação poética:

«(...) as alterações do estado de espírito do poeta, que passava da exaltação, numa espécie de elogio do ego que se comprazia em viver o que estava sentindo, à auto-comiseração, no fundo o reverso da mesma medalha, ou seja: o elogio do narcisismo, que segundo as circunstâncias adapta a máscara que melhor lhe convém (Marques: 2005:173)

«Bronzes e ferros de Paris. Tão bom...tão bom.
Tenho prazer na vossa dor! Merci bien
Saio de casa. (Moro 10, rue de la Sorbonne
P'ros amar e os servir). E desço o boulevard.»

António Nobre (poema inédito, in António Nobre em Paris, Só)

Portanto, tal como Vicent Colonna preconiza «La liste est longue des écrivains contemporains ayant enchâssé leur identité dans un montage textuel, mêlant les signes de l'écriture imaginaire et ceux de l'engagement de soi» (Colonna:2004:Prologue ;11)

Sendo assim, António Nobre poeta vai, por conseguinte, fazer, tal como no prólogo de Lucien, que é considerado por Vicent Colonna o protótipo da autoficção: «Je vais donc dire des choses que je n'ai jamais vues ni ouies, &qui plus est, ne sont point,&qui ne peuvent être» (Colonna:2005:31).

Levanta-se a questão de saber se na poesia nobreana há autoficção como Carmino Marques sugere ou como Guilherme de Castilho preconiza sendo a obra o reflexo da vida?

Não restam dúvidas que na poesia de António Nobre há uma vontade conseguida de deixar indicações biográficas precisas, que por vezes funcionam

como uma homenagem aos seus pais às suas recordações de infância, como no excerto do poema «Carta a Manuel».

A demanda biográfica existe no modo lírico, será contudo emblemática da auto efabulação?

A autoficção biográfica está desligada da interioridade, assim, António Nobre no que parece ser uma confissão irremediável dos seus sentimentos, não é mais do que uma busca de uma atitude adequada a um comportamento que ele almeja ter, que lhe oferece os sentimentos que ele pretende transmitir ao seu leitor (solidão, desespero, angústia, medo).

A sua obra é uma autoficção, desmistifica a sua dor, as suas situações dramáticas, não lhes retira valor porque existiram, mas foram preparadas, ampliadas, selecionadas. Esta prática da fabulação de si próprio torna-o original no meio, destinado a um público futuro.

«Les âmes fortes ont un idiome à part» (Diaz) e afinal o próprio poeta António Nobre, como alternativa, sugere que influências estranhas possam condicionar a sua escrita e deste modo aspetos exteriores ao processo de maturação do indivíduo aparecem no processo de criação da obra poética.

O poeta António Nobre aquando da sua permanência em Paris, mantinha relações de estreita amizade apenas e só com quatro pessoas. Vivia propositadamente isolado, afastando-se do *glamour* de Paris, da vida em sociedade. Recriou um universo de solidão e tristeza na sua obra plasmado a partir daquilo que pretendeu, que quis que fosse a sua vida em Paris. Cf. poema «Lusitânia no Bairro Latino», escrito em Dezembro de 1891, também na mesma altura em carta dizia: «Sinto um infinito desânimo da vida sinto-me só, só, só!»: e em poemas vários declara os mesmos sentimentos avassaladores de nostalgia e solidão, que sublinham o sofrimento que o poeta pretende reiterar. Contudo estava na sua mão participar nas tertúlias de Eça de Queirós, pois este último tinha tido ocasião de conhecê-lo por motivos administrativos e o poeta declinou o convite.

A vida e a obra marcam indelévelmente o percurso deste homem na perspetiva deste autor que se debruçou sobre a sua correspondência de Paris. Não é um facto que desencadeia o fluxo da escrita como, por exemplo em Proust eram

memórias sensoriais que despoletavam a escrita; em António Nobre são as emoções mesmo que ficcionadas, em Lobo Antunes as memórias que lhe trazem um manancial de poderosa memória descritiva;

Na obra «O essencial sobre António Nobre» referindo-se ao período entre o Outono de 1890 e a Primavera de 1895 escreve Seabra Pereira “estrada entrecortada perturbada por dificuldades materiais, magoada por incidentes e desenganos” e acrescenta mais à frente “vivência de cidades como lugares de contradições de Antão mas, decisivos para o regime de rememoração e exílio na criação da sua pessoa poética». (Pereira:25)

Todos os excertos escolhidos, e poderiam ser muitos mais, confirmam que o estudo dos estados de espírito do escritor, das análises psicológicas, que lhe foram feitas, mesmo que incipientes tiveram um pendor decisivo para analisar a sua obra enquanto artista e homem. A bordo do *Britannia* escreve ao seu amigo Alberto de Oliveira «vou cismar alguns versos» e mais adiante «cisme um soneto autobiográfico» (quarta-feira, 22.10.1890).

Aliás, António Nobre quando formou o corpo de uma coletânea lírica fixou-se a dado momento o título “Confissões” o que indica uma modulação da poesia da alma, um corpus biográfico (“À toa”, “Menino e Moça”, “Na praia lá da Boa-Nova, um dia”, etc.).

É a estratégia da criação de um mito pessoal que polariza e organiza a coerência funcional de elementos do plano biográfico – e só, segundo J.L.Diaz, deviam passar a ser estudados num plano de uma tessitura discursiva em que se deslindasse os segredos da enunciação e do enunciado e possibilitasse “inocular” os vetores homem/obra.

“No poem is equal to its poet”. Foi esta a grande revolução do fim do século XIX e grande parte do século XX. Até lá as diferentes tentativas de relatos biográficos contentavam-se em estabelecer uma ligação íntima da vida autor/homem de letras à sua obra.

“La beauté et l’originalité de leur art est dans cette vive et profonde assimilation de leur sublime nature avec leurs créations, ils ont jeté dans l’art leurs passions, leurs souffrances, leurs amours, toute leur vie, ils ont donné à leurs œuvres toute leur personnalité, et ces œuvres sont

vrais et palpitantes , et ces œuvres contiennent le secret”

Jean Paul Friedrich Richter (1830) citado por J.L. Diaz.

O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente. /Que chega a fingir que é dor./
A dor que deveras sente.

Termino com duas visões que merecem continuar a ser exploradas, consagrando
o triunfo de uma delas, mas explorando a ambiguidade de cada uma.

4.BIOGRAFIA DE ANTÓNIO NOBRE

1º CAPÍTULO – LÁ NA PRAIA DA BOA NOVA¹

¹ Nobre, António – “Só ”(1887)

Já adolescente era diferente. Ele próprio se sentia diferente «Juro que já senti segundos de Camões».(Pereira:2001)

Era diferente, gostava de ser diferente. Pensava na morte, constantemente. «Sepulcruzito» foi o nome do poema que enterrou juntamente com os poemas do seu amigo falecido prematuramente Eduardo Coimbra, intitulados *Dispersos*, na gruta de Camões, no Palácio de Cristal, um local, ainda hoje, muito aprazível onde gostava de ir, junto à quinta da Macieirinha onde viveu exilado o rei Humberto de Itália. Estamos a falar de António Nobre, de seu nome completo António Pereira Nobre.

Nasceu na rua de Santa Catarina números de polícia 467/469, em 16 de Agosto de 1867. Curiosamente o que consta dos registos paroquiais da igreja de Santo Ildefonso, freguesia a que pertence, é a data de 17 de Agosto de 1867. No entanto, a data correta foi registada pelo seu pai num papelzito que ainda hoje é possível ver num contexto museográfico. Está assim escrito: «Nasceu o menino António em 16 de Agosto, pelas cinco horas da manhã». Nada há de escandaloso, pois eram habituais, nesta época, situações semelhantes, basta interrogar as gerações anteriores. A rua onde nasceu, rua de Santa Catarina, era e é uma rua ex-líbris do Porto comercial, tradicional, cheia de movimento, próxima da capela das Almas, local de oração oitocentista cujos azulejos da autoria de Eduardo Leite foram produzidos na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego. Representam cenas da vida de S. Francisco de Assis e de Santa Catarina. No interior os altares são de estilo neoclássico, albergando a imagem de Nossa Senhora das Almas. Esta capela dista escassos metros da casa de António Nobre, cuja alma foi sempre religiosa.

A família de António Nobre ali vivia confortavelmente. O seu pai, José Pereira Nobre era natural de Borba, concelho de Felgueiras, um lugar com algumas pontes e torres como é descrito pelo biógrafo Guilherme de Castilho. Este senhor, filho de um honrado comerciante, partiu cedo para o Brasil por ordem do pai e lá viveu cerca de vinte anos. Quando José Pereira Nobre

regressa, conhece a futura mulher e companheira de toda a vida: D. Ana de Sousa, natural do Seixo, freguesia de Recezinhos, concelho de Penafiel. Jovem de grande beleza e casamento para a vida. Viveram na Lixa durante sete anos. Só em 1863 e já com três filhos vêm para o Porto a fim de proporcionar uma melhor educação aos filhos.

A sua mãe tinha também uma casa no Seixo (concelho de Penafiel e terras de Entre Douro e Minho) e por isso Nobre repartia também as suas estadias pelo seu «domínio privado» de Leça da Palmeira praias de extenso areal perto do porto de Leixões dos cais de partidas e despedidas que também o iriam marcar mais tarde e esta casa materna.

Leça e o Seixo são um deslumbramento, um revelar de mundos desconhecidos. São lugares de poesia de encanto de fascínio que serão mais tarde evocados em belos poemas como a marinha que passamos a transcrever, cheia de magia, que revela as raízes da suas fantasias:

(...)

«Ó Cabo do Mundo! Moreira da Maia!

Estrada de S. Tiago! Sete –Estrelo!

Casas dos pobres que o luar, à noite caia...

Fortalezas de Lipp! Ó fosso do Castelo.

Amortalhado em perrexil e trepadeiras!

Onde se enroscam como esposos as lagartas!

Sr. Governador a podar as roseiras!²

A praia da Boa- Nova era um dos seus «domínios privados», onde nas marés cheias a sua imaginação evoluía para lugares míticos, construía as suas fantasias. A praia rochosa, com penedo alto a coroá-la e batida pelo mar forte era o seu lugar de encontro com a fuga do turbilhão de sensações que por vezes o assolavam. Para Anto havia sempre margem para o sonho, com a ajuda inestimável da sua sensibilidade pessoal do seu recurso à imaginação escreve:

Na praia lá na praia da Boa- Nova, um dia

² Só – *Lusitânia no Bairro Latino*: 29

Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto castelo, O que é a fantasia,
Todo de lápis lazúli e coral!
Naquelas redondezas não havia
Quem se gabasse dum domínio igual.
Oh! Castelo tão alto! Parecia
O território dum Senhor feudal!

Um dia (não sei quando, não sei onde)
Um vento seco do Deserto e Spleen
Deitou por terra ao pó que tudo esconde,
O meu condado, sim! Porque eu já fui um poderoso conde,
Naquela idade em que se é conde assim...³

No Poeta e na sua poesia sempre presente o amor pelo mar e subtilmente
introduzida a ideia do mau agouro, aliás no poema «António» escreve

«Quando eu morrer, hirtó de mágoa,
Deitem-me ao Mar!». ⁴

O mar foi a paixão de Anto. Ele amou os barcos, as velas, os pescadores. Leça, Matosinhos, Foz, são os lugares sagrados da sua peregrinação marítima. Neste soneto antigo – Ao Mar- ⁵ está todo o Nobre:

Ó meu Amigo mar, meu companheiro
de infância ! dos meus tempos de colégio,
quando pr'a vir nadar com um poveiro
Eu gazeava à lição do Mestre – régio!

Recordas-te de mim, do Anto trigueiro?
(o contrário seria um sacrilégio)
Lembras-te ainda desse marinheiro
De boina e de cachimbo! `O mar, protege-o!

³ Só – Soneto sem título, Porto, 1887

⁴ Só – *António*:15

⁵ Despedidas, 1895-1899 – *Ao Mar*

Que tua mão oceânica me ajude,
Leve-me sempre pelo bom caminho,
Não me faltes nas horas de aflição.

Dá-me talento e paz, dá-me saúde,
Que um dia eu possa enfim, poeta velhinho,
Trazer meus netos a beijar-te a mão...

António Nobre faz uma prece no primeiro terceto, «Que a tua mão oceânica me ajude/ Leve-me sempre pelo bom caminho/Não me faltes nas horas de aflição» que é quase uma oração dirigida ao mar. A sua sensibilidade estava cercada de mar. O seu sonho, a sua fantasia a sua deriva poética convergiam para os espaços junto ao mar. E que maravilhosa invocação quando o releve na última estrofe pedindo aquilo que sabemos a vida lhe negará: ser velhinho. Que maravilhosa ilusão, a do Poeta!

António Nobre tem outro espaço encantado, o do Seixo, como já referimos, com os seus costumes e tradições. A vida rural, as procissões, as feiras, os bailaricos, os namoricos com as moças da terra, nortenhas, repletas de ouro a enfeitar os trajes tradicionais, toda uma tradição que o encanta e sugestionava.

(...)

Olha essas moças, olha estas Marias!
Caramba! Dá-lhes beliscões!
Os corpos delas, vê! São ourivesarias.
Gula e luxúria dos Maneis!
Têm nas orelhas grossas arrecadas,
Nas mãos (com luvas) trinta moedas em anéis,
Ao pescoço serpentes de cordões,
E sobre os seios entre cruces, como espadas,
Além dos seus mais trinta corações!

Vá! Georges, faze-te manel! Viola ao peito,
Toca a bailar!
Dá-lhes beijos, aperta-as contra o peito.
Que hão-de gostar!
Tira o chapéu, silêncio!
passa a procissão.
Estralejam foguetes e morteiros.
Lá vem o pálio e pegam ao cordão
Honestos e morenos cavalheiros.
Altos, tão altos e enfeitados os andores,
Parecem torres de David, na amplidão
Que linda e asseada vem a senhora das dores!
Olha o mordomo, a frente, o Sr. Conde.
Contempla! Que tristes os nossos senhores,
Olhos leais fitos no vago... não sei onde!
Os anjinhos!
Vêm a suar.
Infantes de três anos coitadinhos!
Mãos invisíveis levam-nos de rastros
Que eles mal sabem andar.
Esta que passa e a noite cheia de astros!» (...)⁶

À medida que progredimos na leitura deste excerto notamos como António Nobre é particularmente feliz no modo como oscila entre a descrição de interações sociais (um baile) e o processamento dos respetivos diálogos no espaço mental das personagens (tanto o que se diz como o que fica por dizer). O poema ganha em eficácia quando se despe de artifícios e consegue dar, por exemplo, a mesma ideia de passagem de tempo com imagens concretas, mas poderosas.

É nestas sínteses exemplares, vislumbres das grandes capacidades poéticas do jovem poeta, que reencontramos o grande escritor.

⁶ Só – *Lusitânia no Bairro Latino*:29

A primeira poesia de António Nobre foi publicada nos *Primeiros Versos*. Chamava-se *Intermezzo Ocidental*, e está datada de 30 de Maio de 1882, quando ele tinha apenas 15 anos de idade:

Eu fiz exame de Instrução Primária
E fiquei reprovado,
Por não ter visto, ó meiga solitária
Teu vulto imaculado.

Pois o lente de calva luzidia
Mandou-me conjugar,
Enquanto ao teu lado uma criança ria,
O doce verbo amar...

Fiquei surpreso, extático, nervoso,
E sem saber porquê,
O lente com um gesto imperioso mostrou-me o banco, ao
pé...

Sentei-me. E olhando em torno envergonhado.
Eu pude ver a um canto
Um rosto branco, esbelto, perfumado:
Era o teu lírio santo!

E como se a tua alma doidejante
Se unisse à minha flor!
Eu senti que rompia triunfante,
O meu primeiro amor.
Ficou-me a lira presa em teus cabelos,
E, sem ter de estudar,
Eu conjuguei, ó flor dos meus anelos!
O doce verbo amar!...

E assim nascia o futuro do grande poeta e o seu primeiro amor.

A data dos quinze anos apenas nos serve como marco referencial da precocidade do poeta. Quanto aos seus amores foi sempre inconstante, amava-se demasiadamente para se entregar totalmente ao outro, não lhe sobrava amor para partilhar, contudo o amor representava muito na vida de Anto, era um motivo de inspiração e de valorização da sua personalidade. Foi inclusive uma preceptora inglesa com a qual se envolveu sentimentalmente que lhe sugeriu encurtar o nome à expressão mais simples, pois assim era mais prático. Sentia a partir de certa altura tédio nas relações. Ele próprio confessa a um dos seus melhores amigos- Alberto Oliveira- que a sua relação com miss Charlotte estava condenada, deixara passar dois meses sem lhe responder a uma carta. Todas ou quase todas as jovens inglesas que conheceu nessa altura da sua vida foram objeto do seu amor, ainda que leviano, vago, instável. Refere-as em inúmeras composições. É uma comédia de amor, em que o ator principal, em ainda imberbe, acredita sempre que de cada vez que se apaixona é eterno, mas afinal como diz o poeta é eterno apenas enquanto dura.

Quanto à amizade vai sentir grande desgosto, pois a sua relação com Alberto Oliveira estava fora da realidade possível. Em Paris dá-se o rompimento definitivo, mas foi uma amizade bela, pura, elevada, exigente e talvez os parâmetros fossem tão elevados que Alberto Oliveira não os quis, não os soube conciliar afetivamente.

Antônio Nobre tinha uma natureza especial, até no modo de vestir era peculiar. Um dia, em vez do alfinete de gravata levava um prego enferrujado espetado na gravata, não era antissocial, mas detestava os convívios com a sociedade bem pensante de Leça da Palmeira e evitava os seus serões e bailes. Adorava o povo, os pescadores as lavadeiras que lhe dedicavam muito carinho, o respeitavam e lhe chamavam Criatura Nova porque sentiam a sua diferença, um rapaz de classe social elevada que convivia com eles e gostava de ouvir histórias da faina e do quotidiano duro daquelas mulheres que trabalhavam para o seu próprio sustento.

Uma última nota para referir que nas palavras dos amigos, Antônio distinguia-se. Fisicamente, era belo, tinha olhos grandes, nostálgicos, escuros,

profundos, lindos e um cabelo à *Byron* anelado e comprido. No primeiro dia de escola levava uma trança. Era único.

Aos 15 anos já escrevia bastante e publicava também em revistas e jornais. Em 1882, com 15 anos, publica no *Jornal de Calíope* o poema «*Intermezzo ocidental*», além de outros momentos de inspiração que mais tarde vêm a ser publicados, por amigo, como, por exemplo dois sonetos, publicados em 1967 pel'o Tripeiro.

Quando escreve *Só* no seu primeiro poema dedicado às recordações de infância, António Nobre, que era um grande amante da Natureza procurou representar sempre as formas da sua infância e não reinventá-las. Ele diz: que o seu amor , a sua paixão pela poesia foi sempre acompanhada pelo sofrimento «ter o coração desfeito em tiras». O seu otimismo, mas nunca a sua coragem foi-se desvanecendo ao longo dos tempos. Quem teve uma infância feliz nunca recupera desse facto, mas acrescento quem nunca a teve não recupera também. Por isso mesmo vale a pena ter sido tão feliz como António Nobre, que recorda a sua ama Carlota no poema supracitado:

«Lá vem a Carlota que embala uma aurora

Nos braços e diz:

«Meu lindo Menino, que Nossa Senhora
o faça feliz!»⁷

E António crescendo, sãozinho e perfeito.

Feliz que vivia !(...)

António Nobre era de índole bondosa, eu diria que extremamente, passo a transcrever alguns excertos do poema «António» que nos revelam esse traço de personalidade hoje em dia tão desvalorizado.

«Os outros rapazes furtavam os ninhos

Com ovos a abrir;

Mas eu mercava-lhes os bons passarinhos,

Deixa-os fugir...»;

«Os Presos, as grades da triste cadeia,

⁷ *Só – António: 15*

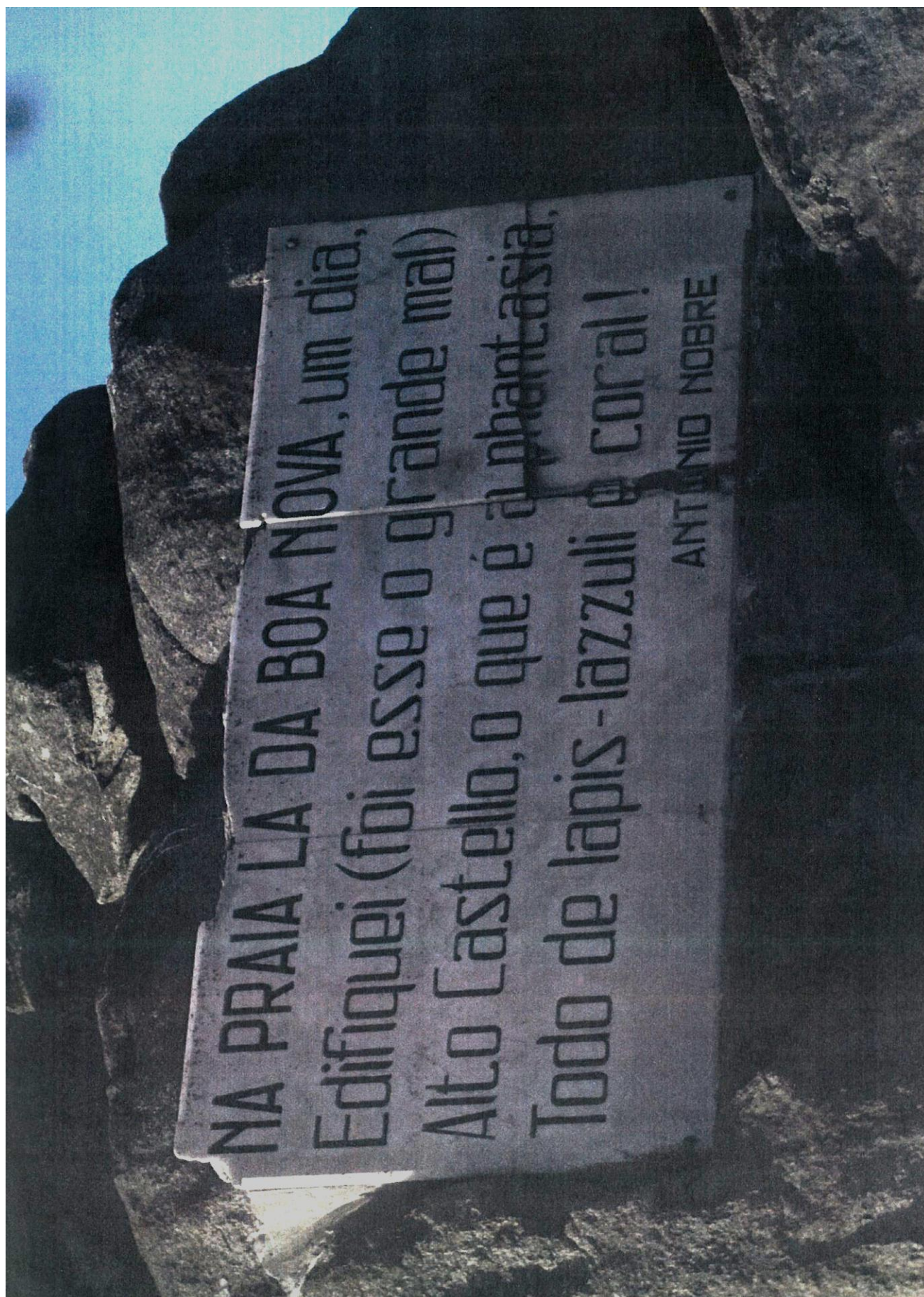
Olhavam-me em face!
E eu ia ´pousada do guarda da aldeia
Pedir que os soltasse...»

E quando um malvado moía a chibata
Um filho, ou assim
Corria a seus braços, gritando: «Não bata!
Bata antes em mim...»;

«Meu velho Cão, meu grande amigo,
Porque me estás assim a olhar?»
In «Só»⁸

A sua vida foi uma luta constante e heroica sobretudo quando se dá conta do mal que padece. Percorreu mundo em busca de uma cura sem nunca desarmar, com poucos queixumes e muito pouco dinheiro. Fica para sempre a imagem de otimismo e confiança sua infância como emblema dos seus dias de infância.

⁸ Nobre, António, «SÓ», Leya, 2009



2º CAPITULO – ANTO

«Lembro-me sempre do Só como de um romance que tivesse lido na adolescência e de que me esquecesse a intriga. Só os personagens vivem. Acima de tudo, em sua torre, - Anto⁹ o poeta, «O Diabo», «o Lua», o menino fadado, príncipe no exílio, abade do seu passado. Ele invade as estruturas líricas do livro como as trepadeiras vivazes invadem as casas ermas.»¹⁰

António Nobre teve uma educação primorosa, tendo frequentado as melhores escolas e colégios do Porto.

Assíduo nas tertúlias literárias da segunda maior cidade do país, nas quais participava um número muito restrito de pessoas, tornar-se-ia, posteriormente, a figura dominante do grupo *Boémia Nova*.

Em 1888, matriculou-se na faculdade de Direito de Coimbra, um curso que nunca viria a concluir, tendo, dois anos mais tarde mudado a sua residência para Paris, a cidade das luzes, onde se viria a licenciar em Ciências Políticas na École Libre des Sciences Politiques, de Émile Boutmy.

Foi, aqui, em Coimbra que durante a sua permanência o poeta solicita a troca do seu nome de batismo (António Pereira Nobre) por outro mais a seu gosto, passando assim, a assinar António Nobre.»

Na academia de Coimbra, Anto sentiu-se mal-amado, as suas vestes despertaram desconfiança e quando o associaram ao poeta nortenho foi mesmo vítima de perseguições pelas troupes da praxe. Também os lentes o olhavam com desconfiança, com os seus modos bizarros, altivos os seus cadernos forrados ao gosto que nutria pela obra de Stendhal «Le rouge et le noir». Tanta diferença criou inimizades, mas também despertou a admiração de um jovem e talentoso rapaz que viria a tornar-se a sua alma gémea: estamos a falar de Alberto de

⁹ Costa, Ivani Ferreira Dias Meneses, *António Nobre e a Memória como reconstrução poética*; Universidade de São Paulo; 2006.« Sobre os nomes Anto e António, o grande estudioso da biografia de António Nobre, Guilherme de Castilho confere a Miss Charlotte, preceptora de crianças, a responsabilidade pela redução do nome António para Anto, como carinhosamente ela gostava de chamá-lo. Par António Nobre o «batismo » de Miss Charlotte, 1887, acrescentou à sua vida muito mais do que um nome, acrescentou uma nova forma de apresentação da sua personalidade, aceita poe ele como bem-vinda.

¹⁰ Borregana, António Afonso; O texto em Análise, Texto editores, 1995

Oliveira. Alberto de Oliveira sentiu-se, apesar de mais novo atraído pelo génio inconformado de Anto e não se cansava de o elogiar e de o acompanhar nas suas digressões literárias, que foram, vastas. Criou rapidamente um grupo de amigos que o cercam de idolatria (Vasco da Rocha, Agostinho de Campos, António Homem de Melo, o poeta e primeiro amigo de Coimbra, que morreu precocemente António Fogaça, etc. e fundaram a primeira revista literária, que marcará o fim-de século (a *Boémia Nova*), *que se irá confrontar com outra sua par «Os Insubmissos»*. Segundo José C. Seabra Pereira o poeta cede no plano da evidência a vez a Alberto d'Oliveira e a Alberto Osório na polémica que se instala em torno das opções estéticas e das inovações prosódico-versificatórias, tributárias do Decadentismo e do Simbolismo franco-belgas. Mais uma vez, o poeta António Nobre foi o alvo escolhido logo que se estreou o número 1 da *Boémia Nova*. António Nobre não participou na contenda e com o seu génio convenceu sobretudo com quatro sonetos publicados no terceiro número da revista, nos quais já é possível ler os traços essenciais da poesia do Só.

António Nobre colaborou, ainda em Coimbra noutros jornais e revistas, como a *Via Latina*, com a célebre composição «Pobre tísica» de inspiração decadentista. Não deixou de colaborar na vida literária da sua cidade natal.

Profundamente poeta, António Nobre amava tudo o que fazia, os atos mais sérios aos de menor significado e por isso a sua estadia em Coimbra foi voluntária, pois Coimbra era a cidade lendária dos Doutores. Escolheu ir morar para um lugar emblemático o Penedo da Saudade e mais tarde a antiga e palaciana torre de Sub-Ripas que crismou com o seu nome, ou antes com a abreviatura inglesa do seu nome de batismo, tal como a ouvira da boca de uma das suas namoradas.

Convém repetir que quem o conheceu, como os seus amigos antes da sua ida para o estudo de Coimbra e com ele conviveram até à sua partida para Paris, nunca acharam ou desconfiaram que «aquele rapaz alegre, embora susceptível, bem constituído, apesar de nervoso, fosse menos forte que nós ou que outros quaisquer moços normais do nosso tempo. Nem ele por seu lado se nos queixou

jamais de quaisquer fraquezas ou fadigas orgânica, de carácter suspeito ou ameaçador.»¹¹

Aliás Eduardo de Sousa que foi médico e era companheiro de sucessivos verões de António Nobre, nunca vislumbrou qualquer doença de carácter tuberculoso no poeta, apenas achava Nobre, nervoso, ansioso e quando a bordo do coraçado Vasco da Gama escreve os seus artigos sobre o livro do amigo, Só, logo em seguida ao aparecimento deste livro nunca refere qualquer sintoma da doença nervosa, que o acometia, com frequência. Passo a citar Eduardo de Sousa no prefácio que escreve para a reedição do livro intitulado *O poeta do «Só»*,¹² «Com um temperamento como o de António, tiranizado pela energia do sentimento, o que, com frequência, nele atinge uma acuidade dolorosa, com uma fantasia tão ardente e tão excitável como a sua, e com a candura de alma que sempre o caracterizou, as impressões de uma infância assim, essas impressões conservadas e adornadas do lar piedoso e recolhido, com os seus serões prenhes de rezas e de lendas, de bandidos e duendes, não podiam logicamente, atento o desequilíbrio nervoso do Poeta, senão desabrochar numa adolescência sobressaltada de temores e de hesitações, numa mocidade desalentada, triste, de rugas precoces, confrangido pelas lutas da vida, magoada pelas cruezas do mundo, tornando António como que um náufrago perpétuo da Ilusão, levado à tona das ondas encrespadas da realidade amarga. O torturado, o exausto, o nevrótico, o *tísico de alma* dos *Males de Anto*, encontra nas reminiscências da meninice de António a sua integração flagrante, a sua legitimação indiscutível, a sua hereditariedade fisiológica e psicológica, a determinante do meio que o impeliu nesse rumo suavemente pessimista e melancólico».

Na verdade, a realidade de Nobre parecia estar muito distante do seu mundo, nascido no mesmo ano de Camilo Pessanha, a António Nobre parece ter-lhe sido tecida uma vida de um profundo sentido inato para fatalidade que o viria acompanhar desde a infância até à sua fugaz juventude: «Em pequeno ia com Eduardo Coimbra enterrar os seus versos no jardim solitário do Palácio, e pedia,

¹¹ Agostinho de Campos, *ANTÓNIO NOBRE E OS MALES DE ANTO*, Vila Mêa, 2002

¹² Sousa, Eduardo; *O Poeta de Só*, pp. 54,56

com olhos límpidos e ardentes uma Bíblia para repousar a cabeça quando o levassem no caixão» afirma Raul Brandão nas suas *Memórias*.¹³

Fecha-se na sua «Torre d'Anto», como se fechará posteriormente no seu quarto de Paris, tendo por companhia a solidão, o sofrimento, a ansiedade o cachimbo, o seu «turíbulo sagrado»¹⁴. Ainda referindo a Torre, que se apresenta como um dos símbolos do imaginário de Nobre, a «Torre-de Anto» seria para ele a materialização de algo inatingível, como a «Purinha», nome atribuído àquela que foi idealizada ao ponto de se tornar irreal, embora mulher real, transmontana, que foi sua noiva. Purinha seria como uma torre no sentido simbólico, por ser algo inatingível «Há-de ser alta como a Torre de David»¹⁵.

¹³ Brandão, Raul, *Memórias*, vol. 1, Lisboa, s. d. p. 13

¹⁴ NOBRE, António, Só, Alfragide; Leya; 1ª edição BIS; 2009; p. 93

¹⁵ NOBRE; António; Só (Paris 1891: Purinha: 45)

3º CAPÍTULO – PARIS

É um pormenor que se diria apenas ajudar a extrair saudades ao mundo, ainda que fale mais alto do que as proverbiais mil palavras. Porque não será tarefa fácil explicar exatamente ao que aqui se vem ou, pelo menos, fazê-lo de modo que a justificação não se prove contraproducente. Talvez por isso, ao olharmos uma fotografia do poeta António Nobre, em Paris, com ar, aliás, de ter sido o primeiro que lhe veio à mão, ele que tinha muito cuidado com a pose. Na foto reflete-se um olhar vivo, altivo, *poseur*, inadequado a alguém que tinha acabado de perder dois anos por reprovação na academia de Coimbra, mas bem pelo contrário cheio de firme determinação de alcançar o seu objetivo longe da provinciana cidade dos estudantes e sim, naquela belíssima e prometedora cidade-Luz.

A sua escolha para habitar foi o nº 2 da *Rue Racine*, um edifício em forma de navio, e, posteriormente, quase permanentemente, perto da Sorbonne, um velho casarão no nº 41 na *Rue des Écoles*, tipicamente parisiense.

Esta expatriação custa-lhe um ataque de melancolia e obriga-o a encarar a irredutibilidade do seu destino, é uma prova de fogo que irá superar com muito sofrimento e amargura, mas que lhe trará muitos benefícios. A prova dos nove da sua capacidade resultará «no livro mais triste que há em Portugal», mas também mais autêntico na sua dor.

Tinha o poeta consolo, nos primeiros tempos na amizade do seu amigo Alberto de Oliveira. As suas relações sociais reduzem-se a muito pouco: nas aulas ao convívio com os colegas da faculdade e na rua a encontros fortuitos com alguns compatriotas. As suas relações com Eça de Queirós, ao tempo Cônsul de Portugal em Paris não foram além de duas visitas a fim de legalizar os documentos.

A maior parte do tempo passa-o na solidão do seu quarto meditando, escrevendo e ouvindo os sinos da igreja próxima, «Saint –Etienne du Mont».

Com Alberto de Oliveira mantém o contacto através do diário, mas infelizmente, ou não, para a inspiração do poeta, a relação termina. Foi uma

desilusão, dois anos e meio que decorrem entre a chegada a França até a carta de Nobre em julho de 1893. O Poeta julgou haver encontrado em Alberto de Oliveira um verdadeiro irmão, amigos no pleno sentido do termo, um verdadeiro sentimento de amizade como ele o concebia, puro, sem mancha, sem traição. Com 19 anos, Alberto de Oliveira já estava mais crítico, diz ele, o que motivou o enfraquecimento da relação pois foi-se subtraindo ao fascínio pessoal do amigo António Nobre. As consequências foram avassaladoras para os frágeis nervos do poeta, dos quais resultaram várias cartas pungidas, onde falava no seu martírio, «nas dores cerebrais que sentia».

O amor com Purinha, Margarida Lucena, também desabava. O poeta mantinha a força moral, a sua força criadora incólume, a «equação amorosa» P+A (Purinha mais Nobre) que ele tinha criado estava longe de estar resolvida. Quando vinha a Portugal eram momentos de harmonia e paz. Mas a sua poesia segundo Guilherme de Castilho nunca foi amorosa, mas sim uma poesia de «amor pelo amor», de amor «sentido fora de si». «A Purinha» «é um dos mais belos momentos do lirismo português», mas é a «cristalização perfeita» do que Guilherme de Castilho (um dos biógrafos do poeta) preconizou. Foi escrita em Paris, em 1891. A mãe de Purinha já muito doente ao saber da doença do poeta obriga – a a terminar o noivado no momento em que ele está com uma das crises mais graves da sua doença, ficando o poeta sem pretexto de esperança.

«Nossos amores foram desgraçados.
Desgraçada paixão! Tristes amores!
Se Deus me dá assim tamanhas dores,
É porque grandes são os meus pecados.»¹⁶

Renuncia então a viver no presente e faz do passado o caminho possível e fonte perene da sua criação poética. O seu temperamento romântico está abalado por isso, Só é o título ideal e exhibe o rigor do seu íntimo, a raiz da sua poesia. O amor e a amizade havia-os perdido e para seu desespero estava só perante a Humanidade inteira. Então o seu eu solta-se imperativo, dominante, o poderoso conde do castelo ressurgente e a sua infância perdida readquire a tonalidade de

cores vivas como se do presente se tratasse. Não quer pena, quer amor, quer respeito, quer admiração e tudo vai conseguir. A publicação de *Só* é o ponto culminante dos seus cinco anos de Paris e dos seus trinta e três anos de vida.

Os seus anos em Paris não foram fáceis, passou muitas privações o dinheiro do Brasil que o seu pai recebia não chegava agora para pagar atempadamente a mesada e passou mesmo um ano em Portugal, interrompendo os cinco anos de Paris foi um ano improfícuo nunca conseguiu escrever nada senão poesia. Nesse ano o pai faleceu e não consegue assistir à morte do pai por se encontrar adoentado. Regressa a Paris para perseguir o seu sonho de ser cônsul. Obtém o diploma de bacharel o qual pede ao seu irmão Augusto, que o vai ajudar sempre até ao final da vida para o guardar e, finalmente depois de duas viagens a Portugal regressa a Paris, obtém a licenciatura em janeiro e tenta arranjar trabalho como tradutor e dar lições, sem êxito. Passa então as tardes nas bibliotecas públicas, de modo a fugir aos rigores do inverno parisiense. E começa a sua saúde a dar os sinais dos primeiros contratempos. É-lhe diagnosticada uma anemia, mas as constipações sucedem-se e as anginas também. Tem uma grande alegria antes de regressar a Portugal pois consegue vender por mil francos a segunda edição do *Só* à Livraria Aillaud, de Paris, e com esse dinheiro diz ele mais tarde, conseguiu-se vestir, pagar a viagem e dívidas que tinha e outras pequenas coisas. Quando chega a Portugal, apresenta-se a concurso com um dia de atraso e é curiosamente Eça de Queirós que lhe vai valer e permitir mesmo assim prestar provas. Acaba num brilhante segundo lugar, atrás de Alberto de Oliveira que obteve Muito Bom. Com tão brilhante resultado, apesar de vir exausto e mal comido acredita neste novo período da sua vida. Há uma vaga de cônsul no Brasil, em S. Paulo mas como o pai lá havia estado, talvez por isso não mostra grande interesse. Oferecem-lhe então o posto de Pretória que resolve aceitar. Eis senão quando é acometido pela eclosão e o progresso da doença que o impedirá segundo Guilherme de Castilho da realização dos planos da vida prática.

De regresso a Coimbra vai visitar um médico conhecido, que por sua vez o envia para outro e assim começa a *via crucis* do poeta. Ambos conhecendo do

¹⁶ Despedidas – 1885-1889

que se tratava e a gravidade da situação resolvem esconder-lhe o diagnóstico para não ferir a sua sensibilidade e aconselham-lhe repouso físico e moral e alimentação apropriada. Vai então para a sua casa materna do Seixo, onde é ineficaz a cura. O irmão não lhe esconde a gravidade da situação e procuram convencê-lo a partir para a Suíça. Eis o início do seu calvário por terras longínquas, sobretudo naquele tempo de fim de século.

4º CAPÍTULO – OCASO

Veja-se no poema «António» como o sujeito poético irá lidar com o ocaso e como constrói a sua memória poética. A sua desilusão será simbolizada pelo envelhecimento do que há de mais íntimo do seu ser, a alma, como ocorre no poema homónimo « António»

António
[...]
E anos correram, e anos cresceram.

Com eles cresci:
Os sonhos que tinha, meus sonhos....morreram,
Só eu não morri...

Frades do Monte de Crestelo!
Abri-me as portas! Quero entrar...

Fui vendo que as almas não eram no Mundo
Singelas e francas:
A minha o era, ficou num segundo
Cheiinha de brancas!
[...]

Fiquei pobrezinho, fiquei sem quimeras,
Tal-qual Pedro Sem
Que teve fragatas, que teve galeras, que teve e não tem...
[...]
Vieram as rugas, nevou-me o cabelo
Qual musgo na rocha...
Fiquei para sempre sequinho, amarelo,
Que nem uma tocha!»

Paris,1891

Note-se o sentir envelhecer do poeta que na realidade era jovem: «Fui vendo que as almas não eram no Mundo /Singelas e francas:/ A minha o era, ficou num segundo/Cheiinha de brancas! (...) Vieram as rugas, nevou-me o cabelo» - é na alma que todo esse processo acontece atingindo o centro simbólico da solidão e desgraça para a qual havia sido fadado desde o berço.

Constata-se, assim, o evoluir de uma vida triste onde «os sonhos que tinha, meus sonhos...morreram, / só eu não morri...».

Nesses versos está patente o desejo de morrer, aliás uma temática recorrente em *Só* bem como um sentimento de tristeza, desilusão e profunda depressão. Subsiste, também uma premonição quando o poeta se considera para sempre «sequinho, amarelo,/ que nem uma tocha!», fazendo invocar a imagem do poeta padecendo as agruras da tísica.

Todos os versos transcritos apontam para uma estrutura fechada e uma expressão redundante e obsessiva que evolui para um círculo egocêntrico. A própria estrutura do livro *Só* tende a evocar um ser vivo que nasce, cresce, desenvolve-se e morre. Se de facto assim é, observe-se o poema final, que se assemelha à vida do sujeito poético e autor empírico, que está de algum modo, no fim:

«Meses depois, num cemitério»

«Anto»

Olá, bom velho! É aqui o *Hotel da Cova*,
Tens algum quarto ainda por alugar?
Simples que seja, basta-me um alcova.
Como eu estou molhado! É do luar...,
[...]
Vamos! Depressa! Vem faze-me a cama,
Que eu tenho sono, quero-me deitar!
Ó velha Morte, minha outra ama!
Para eu dormir, vem dar-me de mamar...
[...]
Mais nada. Boas noites. Fecha a porta.
(Que linda noite os cravos vão abrir...
Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa?
A roupa chega para me cobrir...)
A mãe de Anto
Aqui, espero-te, há que tempo enorme!
Tens o lugar quentinho...

Toma lá para ti, guarda. E ouve: na hora
Final, quando a trompeta além se ouvir,
Tu não me venhas acordar, embora
Chamem... ah deixa-me dormir, dormir!
Deus
Dorme, dorme.»

Paris, 1895

Nestes versos o poeta serve-se de recursos expressivos como o «eufemismo» para amenizar a angústia que sente, parecendo também evidenciar uma certa ironia ao desprezar um assunto tão delicado que a própria morte implica para o ser humano. O poema em questão representa, ironicamente, o cemitério representando o percurso de vida; a alcova, o lugar da morte. O sujeito poético acredita que depois do fim, depois da agitação daquele fim-de século, a situação iria melhorar: «Os cravos vão abrir...» simbolizando o recomeço, o desabrochar de novas vidas, de novos cheiros e sentires, transmitindo a sensação de uma primavera que há-de vir. Não obstante o poeta mantém-se certo e consciente da morte, de que pressente o frio, chegando a desejar o desfecho, representado pela escuridão decorrente da expressão «Apaga a luz!».

Neste poema há uma consciência da proximidade da morte que é abordada simbolicamente e de forma eufemística, como já dissemos, aparece resguardado por Deus e pela mãe. A Mãe diz: «Aqui, espero-te, há que tempo enorme! / Tens o lugar quentinho...» e Deus diz-lhe: «Dorme, dorme», são o garante da sua segurança, para o embalarem no sono eterno, como se faz às crianças para as sossegar, quando se sentem inseguras na escuridão da noite.

Até chegar ao fim a sua vida foi uma *via crucis* desde Paris. É em Paris que surgem os primeiros sintomas e que consulta os primeiros médicos que lhe escondem a verdade por amizade e lhe aconselham uma estadia no Seixo, casa materna onde não usufrui da cura e piora. Então, Augusto procura convencer o irmão a partir para a Suíça. Foi um forte abalo moral deixar de lado a realização de planos que lhe eram tão caros. É necessário recordar que o poeta não possuía grandes condições económicas e que esta proposta era de uma enorme generosidade.

Assim os poucos anos que lhe restam de vida reúnem várias viagens à procura da cura como diz Guilherme de Castilho «cinco anos contados em dor, em aflição, em ausência, em esperança sempre iludida!».

Na sua ingenuidade de menino que sempre o caracterizou, julga poder esconder a sua doença aos mais próximos e fala-lhes de neurastenia, mas quem o pode julgar?! Tinha tudo pronto para iniciar a vida com que sempre sonhara. Em Davos-Platz, na Suíça fica perturbadíssimo a violência das imagens a exibição da

dor dos pacientes e é então instalado a alguma distância num lugar só com quatro casas Foi nesta altura que teve a dolorosa revelação do estado das coisas contra o véu da névoa romântica, que o envolvia, afinal padecia de uma tísica declarada.

Reitera, então os seus esforços a fim de esconder dos amigos a verdade, as monstruosidades dos tratamentos, a sucessão de delírios, as epifanias, putrefações, vômitos, até a quietude aturdida da recuperação. Cisma nos seus repousos de dez horas, na infinita tristeza que se tornou a sua vida. O Outono aproxima-se e as melhoras não. Não tem, nem teve, junto a ele uma mão amiga nas crises agudas, nem ouve uma palavra de esperança. Muda para o local que havia rejeitado, sempre na busca desesperada de melhoras do seu estado geral, que considera não ser de todo mau.

Depois esta experiência falha. Desembarca então em Bex, perto da fronteira italiana e sempre com a aspiração a um cargo de cônsul. Depois de trinta dias de sofrimento atroz vai até Genebra e depois Lausanne, onde espera para receber dinheiro e poder continuar viagem. Em 1896, no verão, chega a Portugal depois de ter atravessado Espanha em 3^o classe até à Pampilhosa, pois o dinheiro não chegou para mais. Imaginemos o horror de um doente dos pulmões em pleno verão a viajar de comboio em 3^o classe em finais do século XIX. Não será uma forma de barbárie?

Finalmente é assistido pela solicitude de duas senhoras numa hospedaria em Penafiel. Em outubro regressa a Lisboa e aloja-se na York-House é então que alcança umas relativas tréguas que a doença lhe dá, mas não consegue trabalhar por muito tempo com as sérias consequências da doença. Mas não surgem resultados duradouros e parte para os Estados Unidos, debalde.

Parte depois para a Madeira à procura de um clima ameno e cruza-se com uma família madeirense que o adora e por quem ele sente o mesmo sentimento. Chegara a tal estado que já nada lhe podia valer exceto a sua ânsia de viver e vencer. Esgotada a ilusão da Madeira é agora fonte inesgotável da sua esperança, tendo o dinheiro suficiente para se manter saudável, um novo tratamento. Com a saúde perdida mas sem a mais pequena dúvida que desistir não era palavra do seu dicionário, num sofrimento moral indizível se não fosse

esta nova esperança no tratamento do Dr. Evaristo. O seu aspeto era terrível, os donos das pensões não o queriam receber, deixavam-no estar uma noite e depois de ouvirem as suas crises de tosse pediam-lhe mais ou menos grosseiramente que se fosse embora. O tratamento não resultou. António Nobre não desistiu, e parte para a Suíça. A experiência foi dolorosíssima moral e fisicamente e o poeta sente o desejo de se aproximar de Portugal. É o princípio do fim, deste poeta ímpar, deste conde sem condado, deste campeão da esperança que conquistou o que se propôs e que sorrateiramente a doença lhe retirou a vida por um crime que não cometeu. Martirizado dos tratamentos fétidos, dos corredores escuros das casa pequenas e desabridas onde se alojou, vítima de falsas promessas de ilusões e decepções conseguiu no entanto nos últimos meses de vida ter paz, segundo as memórias de Augusto Nobre e transcritas por Guilherme de Castilho o poeta dizia ser «visitado por uma velha que se sentava na beira da cama que o obrigava a tossir».

Chegou a primavera e o poeta ainda pode vê-la, partiu para o Seixo e mesmo cansado sentiu alegria, em 16 de março faz um pedido angustiado ao irmão e na manhã de 18 de março morre na Foz «Que lindo isto é» disse na véspera. (...)

«Sentando-me junto da cama, disse-me, passados momentos que se sentia muito mal e que ia morrer. E sem que lhe notasse qualquer sintoma de agonia, ele, que estava sentado na cama recostado em almofadas, inclinou-se para mim, abraçou-me e assim ficou.



**5. ANEXO – RAZÃO DE SER DE UMA BIOGRAFIA:
O TESTEMUNHO DE UMA ESCRITORA**

Entrevista feita no decorrer desta dissertação à escritora

Ercilia Ribeiro da Silva

Ercilia Domingues Monteiro Pinto Ribeiro da Silva Residente em Pombal. Tem 65 anos. Concluiu o Curso Complementar dos Liceus em 1964/65. Foi Bancaria de profissão. Dedicou-se à politica desde 1969. Foi militante no Partido Social Democrata ate 1994. Foi candidata à Assembleia Constituinte por Lisboa em 1975. Foi Vereadora e Membro da Assembleia Municipal de Pombal. Foi Deputada a Assembleia da República por Leiria em 1987/91. Em 1994 começou a dedicar-se a pintura e fez vários cursos de técnicas de pintura. Fez um curso rápido de pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. É sócia fundadora da AAAGP - Associação de Artistas e Amigos Galego Portugueses. Fez várias exposições em Portugal e no Estrangeiro. Esta mencionada no Livro de Ouro da Arte Contemporânea em Portugal. Escreve artigos de opinião em jornais locais. Faz voluntariado na Universidade Sénior de Pombal, ensinando técnicas de pintura e historia de arte.

Autora do livro No Silencio da Noite, o Rouxinol Disse, Chiado Editora, publicado em outubro de 2013.

Sinopse

«Como reagir a adversidade num tempo conturbado como e o nosso? A Historia que se conta nesta obra tem um misto de verdade e ficção e cria duas personagens que, a seu modo se revelam capazes de se superar a cada

momento. A grandeza de caracter, a capacidade de superação, a sensibilidade e a ternura com que enfrentam a vida e a própria condição humana, leva-nos a supor que o Mundo poderia ser bem melhor se fosse escrito nas paginas de um livro. É uma imagem livre do que somos e daquilo que podemos ser se alterarmos vivências comportamentais enraizadas ao longo de seculos. Neste livro é prestada homenagem à Mulher, enquanto ser humano sensível, guerreiro e lutador. Neste livro e tratada a Homossexualidade com respeito e Sensibilidade. E um livro delicado e reflexivo da Vida que nos e dada e a qual devemos amar e respeitar como uma benção Divina»

Fátima Vaz - O tema da conformidade da vida/obra obriga a uma ética (falei sobre isto com a Ercília).

Ercília – Sim, sim.

F.V.- Obriga a que o escritor/autor - a vida/ obra, não o homem/obra - tenha uma vida conforme os parâmetros instituídos pela sociedade.

É necessário ter uma vida exemplar.

(citação em francês) L'exemplarité morale ... biographique.

Então acontece o que Descartes preconiza – “o equilíbrio necessário entre vida e costumes, princípios e valores. “

Ou seja,” só será possível, se da vida do homem importar apenas um pequeno número de ações exemplares”, a que ele chama “traços”.

Ou pelo contrário, “a vida do falso grande homem arrisca-se a perder-se e ser desmascarada um dia”.

Portanto, se houver uma ligação muito grande entre a vida e a obra e se queremos que essa obra seja exemplar, então a vida desse homem tem de ser exemplar.

Ercília - Ah sim. Eu acho que sim também.

F.V. – Sobre isto gostaria de ter a possibilidade de obter o seu comentário.

A outra pergunta, reenvia para quatro ideias que eu gostaria que comentasse.

Uma é: “Não há maior elogio para um autor, que o relato verídico das citações e das frases dos escritos, de um escritor.” – e a Ercília é uma autora. “Não é preciso dourar-/se a pilula. É preciso é citar aquilo que ele disse, que ele escreveu.

O outro comentário: “Até o estudo da fisionomia se torna importante. Chegou mesmo a ser moda, oferecer-se o retrato dos grandes escritores. A própria caligrafia do escritor, os seus manuscritos, tornavam-se objetos de culto.”

Ercília - Exatamente.

F.V. - Outra das ideias chave: “O homem de génio, é aquele que o é plenamente na sua obra, aquele que tem o poder de ligar a sua alma aos seus escritos.

Outra ideia: “O autor, deve abandonar-se ao seu interior, ao âmago da sua alma, que é o seu idioma”.

Esta expressão parece corriqueira, mas estava assim expressa, “ (...) isso não vai ter à orelha, mas vai captar a alma do leitor. Portanto, se o escritor for autêntico, for a sua autenticidade ...”

- Será que é necessário ser-se autêntico, para se ser lido, para se ser grande, para se ser publicado, é preciso ser-se autêntico?

Ercília - Bom, é importante ser-se autêntico. Porque a autenticidade faz saltar a verdade do próprio. Porque a verdade não é uma coisa absoluta. A verdade existe para um e a mesma verdade não o é para outro, mas o autor tem a sua verdade. E essa verdade, se for comunicada com sinceridade com transparência, naturalmente que toca o outro.

É evidente que nesse tempo, no séc. XVIII, XIX e até no séc. XX, uma grande parte do séc. XX, as pessoas eram muito influenciadas e muito espartilhadas.

Hoje em dia o autor tem muito mais liberdade, tem muito mais possibilidades. E normalmente, o autor hoje quer captar, quer tocar o leitor muitas vezes pela negação.

Que é que eu quero dizer com isto? Não quer dizer que o meu livro seja assim. Não é assim. O meu livro é diferente, mas hoje em dia, os grandes autores, nomeadamente Saramago por ex., que foi o nosso Prémio Nobel, ele captou o leitor com a crítica da sociedade.

Portanto ele quer... O que é que ele quer (?) Ele quer espezitar, digamos assim, a sociedade, quer levá-la dentro das... Como é que eu hei-de dizer isto? Agora estou aqui com dificuldade de transmitir a minha ideia...

Mas é assim, muitas vezes hoje os autores e os pintores, os escultores, os arquitetos, enfim toda a arte da última fase do séc. XX e no séc. XXI, a arte é feita de metáforas – o que já era feita naquele tempo – mas hoje as metáforas são provocatórias. Para espezitar a sociedade. De modo a que Ela se interrogue!

Está a perceber o que eu estou a dizer?

Enquanto que, os autores de um tempo mais espartilhados, estavam sujeitos a esses “valores”, que eram os “valores” criados pela sociedade. E portanto um autor, muitas vezes preocupava-se com aquilo que a sociedade pudesse dizer.

Hoje o autor quer ser criticado. Quer ser chocante. O autor hoje quer chocar a sociedade! Porque ao chocar a sociedade de certeza que provocou nela interrogações.

F.V. – Exatamente. Uma forma de afirmação.

Ercília - Portanto, há toda uma diferença, sobretudo nos países livres, nos países em que as democracias são absolutamente livres, as pessoas têm uma outra maneira de se expressar.

E já se verificou muito isso na pintura a partir dos fins do séc. XIX. Na pintura isso verificou-se muito, quando apareceram os Impressionistas e depois os Expressionistas e depois toda, toda, toda a evolução.

Entretanto na escrita, as pessoas hoje, aquele autor que quer de facto ser...

Não quer ser vendido. Não estou falar naquele autor que quer ser vendido...

Outro que quer ser vendido se calhar trabalha aí uma pimbalhada qualquer mesmo em termos de escrita.

Não! É aquele autor que quer ficar na história, esse autor que quer ficar na história, não é o autor que quer ser vendido, é o autor que quer ser admirado. E essa admiração tem a ver com toda a capacidade que ele tem de interpretar o que o rodeia. Não é de aceitar o que o rodeia, é de interpretar o que o rodeia.

F.V – Ele interpreta o que o rodeia...Mas não tem que ser por exemplo ...

O crítico literário José -Luís Diaz dizia: “Da mesma forma que trabalha na sua obra, o autor deve trabalhar na obra suprema que é a sua personalidade.”

Está de acordo? É preciso trabalhar na “sua” personalidade? Ou cada um é como é; e aquilo que escreve é de certa maneira independente? Ou há uma interligação assim tão grande?

Ercília – Eu penso que hoje já não há essa interligação. Já não há!

Embora naturalmente as pessoas transmitam na sua obra as suas características fundamentais, a sua personalidade. E nós vemos, se nós observarmos alguns escritores de hoje, naturalmente que a personalidade deles está bem vincada na sua obra. Mas isso, não quer dizer que ele trabalhe a sua personalidade, não! Ele

é mais autêntico. Isto do meu ponto de vista, que também pode ser subjetivo obviamente, como todas as opiniões.

F.V. - Queria fazer-lhe outra pergunta.

Boris Pasternack dizia: “ Literatura é a arte de descobrir algo extraordinário em /acerca de pessoas normais, e dizer com palavras normais qualquer coisa de extraordinário”.

Ercília - Estou plenamente de acordo. Mas isso é um dom, como todo o artista tem de ter. É um dom. Não é fácil isso, sabe?

É preciso ter-se um dom, dentro da arte de escrever, dentro da arte da música, dentro da arte da pintura, dentro da arte, para conseguir isso. Porque isso é o supremo da obra.

F. V. - Exatamente. Mas por exemplo, Saint-Beuve dizia: “É no carácter dos artista que é preciso procurar o segredo do seu génio”.

É na personalidade dos artistas, já não é um talento, na personalidade se fosse muito invulgar.

Um dos biógrafos de António Nobre dizia que ele era muito invulgar, porque com 15 anos escreveu o seu primeiro poema “Sepulcrozito”, e depois foi depositá-lo na gruta de Camões – que existe ainda – no Palácio de Cristal, no Porto. E portanto já mostrava que tinha um carácter invulgar, que já era diferente.

E mais tarde, Raul Brandão diz que António Nobre era diferente, era um homem diferente, era diferente na maneira como vestia. E isso leva-me a uma conversa que nós já tivemos, sobre os artistas, sobre as suas diferenças, e sobre Brighton

Ercília - ...e sobre a sua exclusividade! Exatamente.

Por exemplo, quando - eu volto outra vez à pintura porque é mais evidente – um individuo, um pintor concorre com a sua obra a um concurso, e o Júri não olha só para a obra do artista, olha também para ele próprio. Como é a personalidade do artista? Como é que ele se revela na sociedade? E como é a sua maneira de pensar? A sua maneira de vestir? A sua maneira de estar? Isso tem tudo a ver com a obra que ele faz.

Um artista é uma pessoa – dizia-me uma vez uma Senhora que era casada com um artista, e que ele deixou – o que ela aceitou perfeitamente, inclusivamente, que ele se fosse embora, dizia-me “ele não é melhor nem pior, é diferente.”

.....

Ercília - ... que a sua obra. Embora ele seja conhecido pela sua obra. O homem vale mais do que a sua obra.

Vale mais porque é um ser humano, e porque todo o homem é um mundo de situações, de realizações, de frustrações, de coisas boas e más, enfim!

Agora, é através da sua obra que “ele fica na Terra”, que ele fica connosco. É a sua obra que resta, e é a sua obra que mais tarde é avaliada. Não é?

Portanto isso é uma coisa importante, e feliz daquele que consegue deixar uma obra. Seja ela qual for, seja ela qual for.

Engraçado que, nos tempos dos romanos e até no românico, e nos visigodos, nas construções dos monumentos, das casas, os próprios pedreiros – que na altura se chamavam assim - deixavam escrito na sua obra, o seu nome. E não sabiam escrever. Mas lá desenhavam. Nós temos, por aí fora, alguns monumentos que estão repletos dessas siglas, dessas pequenas coisas.

Porquê? Porque há uma necessidade também. Há uma necessidade do homem, e no caso o homem e a mulher, o homem numa maneira geral, deixar a sua obra. É a coisa que mais se quer. É deixar alguma coisa para os vindouros.

F.V. – Ao menos vão-se da «Lei da morte libertando».

Ercília – Exatamente.

F.V. – Em relação às biografias, estabeleceu-se muita polémica.

Alguns românticos achavam as biografias voyeuristas, diziam “(...)Só é preciso dissecar os mortos, porque abrir o cérebro de um ser vivo é falso e mau”.

Outros diziam... O próprio Victor Hugo “(...) Não é a biografia dos factos que é preciso escrever; é a biografia das ideias.”

Agora falando das biografias, Lamartine dizia “Quando se lê, não se sabe se é o homem que é o poema, ou se é o poema que é o homem. A solução seria um justo equilíbrio entre o autor e o homem”.

O que eu quero saber é, na opinião da Ercília, a biografia de um autor é um elemento essencial para a explicação duma obra, ou uma obra vive autonomamente?

Portanto, nós precisamos para compreender a obra, por exemplo da Ercília, precisamos de saber quem a Ercília é? Ou podemos lê-la independentemente de saber quem é, e daí retirar alguma coisa sobre a sua maneira de ser? Ou é completamente autónoma?

Ercília – Quando eu... Obviamente que uma coisa está ligada à outra, e nunca se separa uma coisa da outra. Mas quando se lê um livro, o autor está lá refletido. Um livro tem sempre o seu autor; mesmo que seja uma ficção absoluta. Porque o autor, se é sincero, e se a sua obra é “verdadeira”, aquela verdade do autor, o autor espelha a sua alma lá, na sua obra.

E portanto embora uma coisa não possa estar separada da outra, a verdade é que mesmo sem conhecermos sem sabermos nada da vida do autor, nós conseguimos através da sua obra, descobrir o que é que ele foi.

Por exemplo, nós sabemos, eu falo imenso em Saramago, porque eu gosto imenso de Saramago. E é uma pessoa que me marcou extraordinariamente, como o Lobo Antunes.

O Lobo Antunes, é um fulano muito difícil de ler. Mas ele está absolutamente refletido na sua obra. É um homem de espírito confuso, é uma pessoa com dificuldade de se adaptar à realidade, e isso está absolutamente espelhado na sua obra.

Podemos não saber nada dele, mas ao lermos a sua obra nós sentimos isso.

E o Saramago a mesma coisa. O Saramago é filho do sofrimento, daquele sofrimento terrível do Alentejo de antes do 25 de Abril; aquelas pessoas como eram amesquinhas etc. e isso está ali refletido na obra.

Os pintores a mesma coisa. Um pintor se de facto é um artista, porque às vezes pode também não ser, tal como um escritor pode também não ser escritor, pode ser um fulano, um artesão das letras, mas ser escritor é outra coisa; não é escritor quem quer. E o pintor a mesma coisa; não é pintor quem quer. O pintor é uma pessoa que transmite a sua alma na obra, e transmite as suas características

como pessoa, e transmite a sua personalidade. E transmite o ambiente que o rodeia.

Porque, todo o tempo, toda a obra se nós formos ver, toda a obra no plano das artes, toda a obra teve a sua evolução na sociedade. E o artista sendo aquele que vai à frente na sociedade, marca a sociedade, e a sociedade marca-o a ele também.

E isso verifica-se.

É por isso que eu lhe dizia há dias, que é muito interessante estudar a História através da Arte. A História Universal, se for estudada através da Arte, é uma coisa maravilhosa.

Porque o ser humano teve a sua evolução própria durante as épocas; e ela foi sempre transmitida na Arte.

Fátima Vaz – Interessantíssimo. Muito Obrigada.

Só para terminar. Por exemplo, Saint-Beuve que é considerado o “pai da biografia”, quando começava a fazer uma biografia, interessava-se pelos primeiros anos da vida do autor, pela documentação – foi a primeira pessoa a interessar-se pela documentação.

E sobretudo, por exemplo na biografia de António Nobre havia muita correspondência, e apesar de muita correspondência ter sido destruída, foi possível utilizar muita dessa correspondência.

Inclusivamente há um autor que prova que há uma intertextualidade entre o que António Nobre escreve – sobretudo poemas da única obra que foi publicada em vida, *SÓ* - e aquilo que ele escrevia aos amigos nas cartas.

E que não era como o Fernando Pessoa, que dizia “o poeta é um fingidor”; António Nobre deveras sente, provocava essa dor, necessitava dessa dor, e nesse caso há uma correlação estreitíssima entre a vida e a obra.

Mas voltando atrás, à biografia – entre a vida e a obra, Agora hoje em dia, não se escrevem cartas. Não sei que espólio é que a Ercília deixa de cartas escritas, de troca de mails...

Ercília – Eu escrevo Diários.

F.V - Então os Diários são uma boa fonte de informação.

Ercília – Sim. (sorrisos)

Escrevo muitos Diários. Que não são diários, porque não escrevo todos os dias, mas eu chamo-lhe diários.

Mas é muito interessante, o que está a dizer!

Nós temos um pintor, Van Gogh que também vendeu uma única obra em vida. E é aquilo que nós conhecemos do Van Gogh.

E conheceu-se o Van Gogh através das cartas escritas que escrevia ao irmão. E muitas vezes isso acontece.

E no caso de António Nobre, que foi um homem que morreu tão novo, com apenas 32 anos; claro que naquele tempo não havia a longevidade que agora há, mas 32 anos é pouquíssimo, e dele apenas foi publicado em vida um livro – que é o livro maravilhoso dele, eu acho – e depois foram já publicadas muitíssimos mais, exatamente através dos escritos dele.

E em todo o trabalho, a Natália Correia tendo publicado muitas coisas, deixou um espólio maravilhoso quando faleceu.

A Helena Roseta, que era íntima amiga dela, é que depois compilou tudo aquilo. Teve 3 anos a compilar, tudo quanto ela deixou. Porque a Natália Correia era uma pessoa absolutamente desorganizada, e portanto organizou tudo aquilo, e publicou as obras completas dela, que vêm a transmitir muitíssimo do seu pensamento.

Mas até neste caso da Natália Correia, que eu conheci pessoalmente e de quem era amiga, não sei bem se ela não era muito mais do que aquilo que transmitia na sua obra. Porque ela era uma mulher absolutamente fora do vulgar, na sua época. Ao mesmo tempo demonstrando ela – isto agora já é um aparte que se calhar não terá interesse para aí – mas é uma coisa interessante na medida que demonstrando ela todo aquele voyeurismo que ela tinha, ela era uma pessoa “bem assente na terra”.

Porque também há uma dupla personalidade muitas vezes. E no artista ela existe.

O artista – eu não me considero artista de modo nenhum – mas a verdade é que eu me transformo quando estou ou a escrever ou a pintar. Eu sou uma pessoa... Olhando-me assim, até sou uma pessoa se calhar clássica ou pacata ou “não sei quê”, mas quando eu pinto ou quando escrevo, eu nem quero que ninguém me fale, porque eu estou “na minha”. Está a ver?

Portanto, nós temos de alguma maneira uma personalidade diferente quando.... Porque transcendemo-nos – porque eu penso, mas isto agora é já uma questão pessoal – eu acho que nós somos abençoados.

O conseguirmos entrar no âmbito de Deus, é uma coisa que não tem paralelo. E isso acontece quando escrevemos, quando pintamos, quando tocamos – para aqueles que tocam.

Uma vez o Vitorino de Almeida, veio aqui fazer uma palestra sobre a música, e em que ele dizia “(...) As regras são para ser desregradas. Queria dizer, para não lhes ligarmos.

Aquela capacidade que o artista tem, uma coisa é ser um intérprete, mesmo na música.

Há a pessoa que olha para a pauta e faz aquilo tudo muito pequitinho. Outra coisa é o artista, aquele artista que agarra no piano e o faz vibrar e que nos transporta para aquilo que não tem paralelo, que é uma coisa sublime.

O artista tem essa..., como tem o escritor, como tem o pintor, como tem o escultor, o músico, é tudo isso. É totalmente diferente daquilo que se conta que dois e dois são quatro.

Fátima Vaz – Muito obrigada e até breve. Sei que já tem o próximo livro contratado pela Chiado Editora e que terá o sucesso deste.

Pombal, 2013

CONCLUSÃO

Nesta dissertação analisámos comparativamente, mas não exaustivamente, duas possibilidades procurando enquadrar o binómio Vida e Obra e Homem / Obra, à luz das perspetivas atuais da crítica biográfica.

E muito ficou por dizer. Seria muito profícuo continuar o estudo e correlacioná-lo com escritores atuais, Lobo Antunes, por exemplo, e confrontá-lo com esta dicotomia e saber o que pensava, o que preconizava, sobre as teorias de Sainte-Beuve e José-Luis Diaz.

Relativamente, a António Nobre foi uma paixão de infância, nasci onde ele nasceu, fui à igreja onde ele certamente foi, fui à praia que ele frequentou e, casei-me em frente do rochedo na casa nas rochas erigida pelo arquiteto Siza Vieira onde está colocada a placa com o verso «Lá na praia da Boa Nova(...)».

Não tinha como lhe fugir para além de ter frequentado o liceu António Nobre. Espero que se cumpra assim uma homenagem ao meu poeta preferido.

O «Só» é a expressão de uma história de fracassos e de fadigas do povo lusitano que cultiva o sentimento penoso e amargo da saudade, uma obra que deixa ver a identidade do Portugal do século XIX, do retrato de um Portugal a decair. E desta obra emerge um cariz confessional que abala os cânones tradicionais em vigor. Uma obra suprema de solidão, angústia e morte. Mas que não deixa de ser um canto magistral de vida, quando o poeta grita a sua infância feliz:

«Porque eu já fui um poderoso conde sim
Naquela idade em que se é conde assim...»

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Ativa

NOBRE, António, «SÓ» Alfragide; Leya, 2009

NOBRE, António, *Primeiros versos 1882 -1889, Porto, 1921*

NOBRE, António, *Alicerces*, Lisboa,1983

NOBRE, António, *Poesia Completa de António Nobre*, Lisboa, 1988 (prefácio de Mário Cláudio)

Bibliografia Passiva

ACTAS DO COLÓQUIO, *António Nobre em contexto*, Departamento de literaturas Românicas da Faculdade de Letras de Lisboa, 13 e 14 de Dezembro de 2000

BARTHES,ROLAND, *O Rumor da Língua*, São Paulo, Martins Fontes, 2004

BORREGANA, António Afonso, *Texto em Análise*, Texto Editores,2007

BPMP, *MANUSCRITOS INÉDITOS DA BPMP, II série, Porto, 1982*

BRANDÃO, Raul, *Memórias*,vol.1,Lisboa,Relógio d'Água, s.d,p.13

BROCHADO, Alexandrino, *Dimensão Espiritual de um Poeta*, Lisboa s.d.

BUESCU, Helena C., *Dois poetas da evocação – Cesário Verde e António Nobre*, Colóquio Letras, nº 75, pp.28-39

CAMPOS, Agostinho de Campos, *António Nobre e os Males de Anto»*, Associação de Amigos de António Nobre, s.l. 2002

CASTILHO, Guilherme, *ANTÓNIO NOBRE*, Lisboa, Arcádia, s/data

CASTILHO, Guilherme, *Correspondência*, 2ªed, Lisboa,INCM,1982

CASTRO, Aníbal Pinto de, *António Nobre, Alberto de Oliveira e o editor França Amado*, Coimbra 1978

CIDADE, Hernâni, *Tendências do Lirismo Contemporâneo*, 2ªed.,Lisboa,1939

COLONNA, Vicent, *AUTOFICTION& AUTRES MYTHOMANIES LITTÉRAIRES*, Auch, Éditions Tristram, 2004

COMPAGNON, Antoine, *La Troisième République des lettres, De Flaubert à Proust*, Paris, Éditions du Seuil, 1983

DIAZ, José-Luis, *L'homme et l'œuvre*, Puf, Paris, 2011

DICTIONNAIRE PHILOSOPHIQUE (1764-1765), article «Esprit», Œuvres de Voltaire, Paris, Garnery, 1827, t. IV, p.381 (p.21)

MARQUES, Fernando Carmino, *ANTÓNIO NOBRE EM PARIS, SÓ, Correspondência*, s.l., Edições Caixotim, 2005

MOUTINHO, Viale, (org., pref. e notas) *Primeiros Versos e Cartas Inéditas de António Nobre*, Lisboa, Editorial Notícias, 1983

NOBRE, Augusto Ferreira, *António Nobre e as Grandes Correntes Literárias do Século XIX*, Porto, 1931

OLIVEIRA, Alberto d', *Palavras Loucas*, Coimbra, 1964

PEREIRA, José Carlos Seabra, *António Nobre – Projecto e Destino*, Porto, 2000

PEREIRA, José Carlos Seabra, *O essencial sobre ANTÓNIO NOBRE*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, s/data

PEREIRA, José Carlos Seabra, *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa*, Coimbrã, 1999, pp.505-515

SIMÕES, João Gaspar, *António Nobre, Precursor da Poesia Moderna*, Lisboa, Inquérito, 1939

FOTO

